Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

www.dn.pt / Segunda-feira 17.6.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 669 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

MAIS DE 46 MIL PROFESSORES EFETIVOS QUEREM MUDAR DE ESCOLA

EDUCAÇÃO Há agrupamentos de escolas que vão ver sair mais de 90 docentes. Segundo o representante dos diretores escolares, isso é preocupante, porque "uma saída em massa, se todos a conseguirem, provoca uma grande renovação e não haverá grande estabilidade nessas escolas".

PÁGS. 8-9

COSTA ENTRE OS PREFERIDOS NA DISTRIBUIÇÃO DOS 'TRONOS' EUROPEUS

POR JOÃO FRANCISCO GUERREIRO, EM BRUXELAS

PÁGS. 4-5

BRUNO GONÇALVES, O MAIS JOVEM DOS EURODEPUTADOS PORTUGUESES

"ESPERO QUE O PARLAMENTO RESPONDA AO POPULISMO COM UMA DEMOCRACIA MAIS FORTE"

PÁGS. 6-7

BEN STANSALL / AFP

Imobiliário
Procura de garagens e lojas para habitação dispara com Simplex dos licenciamentos

PÁG. 15

Médio prazo
Fim das manifestações de interesse pode causar falta de mão de obra, diz especialista

Exclusivo
AIMA processou 110 mil pedidos de residência

PÁGS. 12-13

UMA INCÓGNITA CHAMADA SELEÇÃO CHECA. AGRESSIVA, RESILIENTE MAS LIMITADA

PÁGS. 22-25

Editorial

Bruno Contreiras Mateus

Diretor interino do Diário de Notícias

O país dos engenhosos

Os portugueses tornaram-se naturalmente engenhosos na procura por soluções alternativas à compra de casa, com preços demasiado elevados e perante a escassez do mercado. É isso que acontece quando transformam lojas e garagens em habitação. Normalmente, são espaços mais pequenos, com preços por metro quadrado mais em conta, que exigem, é certo, algumas obras de reconversão, mas com um investimento substancialmente mais baixo. O Simplex dos licenciamentos urbanos veio facilitar, mas a elevada procura está também a fazer subir preços e a esgotar o mercado. É como tudo, só funciona bem enquanto há uma oferta elevada e baixa procura. Como sabemos, esta não é solução, mais uma vez, para a crise na habitação.

"Para mudar estruturalmente o país é preciso coragem, ambição, e eu temo que todos estes planos, confrontados com a realidade, não sejam suficientes para transformar o país", disse este domingo o líder da Iniciativa Liberal, Rui Rocha. E com alguma razão acrescentou: "Eu vi planos, mas ainda não vi reformas estruturais."

O governo de Luís Montenegro já anunciou medidas na saúde, educação, habitação, infraestruturas, impostos. Mas falta, de facto, um projeto de reformas estruturais, que só assim permitirá ao país crescer sustentadamente e garantir futuro. Aliás, foi isso que prometeu o Programa Económico da Aliança Democrática (AD) nas últimas eleições legislativas, com três grandes objetivos: dar uma "nova ambição" ao país, "fazê-lo com sentido de responsabilidade" e aplicar "políticas concretas de transformação".

Se até aqui o primeiro-ministro anunciou uma rajada de medidas, também com um objetivo de não perder eleições, principalmente para não permitir uma vantagem de Pedro Nuno Santos, pelo PS, nas europeias, os objetivos para o Orçamento do Estado para 2025 (OE 2025) terão de ser mais ambiciosos e corajosos.

Na saúde e na educação a solução para a escassez de recursos humanos vai muito além das medidas apresentadas, que de facto não dão mais condições de trabalho a estes profissionais e não ambicionam servir melhor a população. Essas soluções até poderão resolver um problema de curto prazo – como os mapas das urgências hospitalares ou o recurso a professores aposentados, pagando-lhes um adicional de até mais 750 euros brutos mensais, e imigrantes para darem aulas –, mas não imprimem qualquer mudança estrutural em setores vitais. São soluções naturalmente engenhosas que servem de alternativa para a resolução de um problema maior. Depressa se irá perceber que desta maneira o governo poderá estar a prolongar no tempo um problema maior.

> **Este governo está a tornar-se engenhoso na procura por soluções alternativas a um entendimento político com uma oposição escorregadia que quer encurtar ao máximo o período de governação. Deste braço de ferro até podem surgir medidas que mitiguem problemas urgentes no imediato, mas nunca teremos reformas estruturais.**

Os oito anos de governação socialista foram insuficientes para alterar este paradigma, é certo. O adiar de reformas estruturais é permanente neste país. É por isso que não é só a AD que está comprometida, ao PS exige-se o mesmo grau de responsabilidade. Neste momento, tanto a longevidade do líder da oposição como a do próprio governo dependem de negociações para o OE 2025 – mesmo que Luís Montenegro diga que continuará a governar "sem convergência" política e que Pedro Nuno Santos reforce que, neste momento, "o que importa alertar é que o governo tem que arrepiar caminho na forma como lida com a oposição e com o Parlamento".

Este governo está a tornar-se engenhoso na procura por soluções alternativas a um entendimento político com uma oposição escorregadia que quer encurtar ao máximo o período de governação. Como sabemos, deste braço de ferro até podem surgir medidas que mitiguem problemas urgentes no imediato, mas nunca teremos reformas estruturais. E com isso o país perde tempo.

OS NÚMEROS DO DIA

3

MEDALHAS
Fernando Pimenta conquistou pela terceira vez o título de campeão da Europa em K1 5000 metros nos Europeus de canoagem na Hungria. O português conquistou três medalhas nestes campeonatos, depois da prata em K1 500 e do bronze em K1 1000.

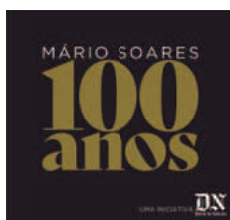
158

DETIDOS
A PSP deteve nos aeroportos nacionais, em sete meses, 158 pessoas e recusou mais de mil entradas em território português, indicou a força de segurança. De 29 de outubro de 2023 a 31 de maio foram controlados cerca de 10 milhões (9.838.862) de passageiros na fronteira aérea.

36.000

PESSOAS
As intensas chuvas que atingem as zonas Leste e Sul da China desde o início da semana já obrigaram à retirada de 36 mil pessoas e danificaram 12.350 hectares de culturas.

28

MILHÕES
O presidente norte-americano e candidato democrata Joe Biden recolheu 28 milhões de dólares (26 milhões de euros) numa ação de campanha em Los Angeles, que reuniu o ex-presidente Barack Obama e personalidades como Julia Roberts, George Clooney e Barbara Streisand.

17.6.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

LIDERANÇA EM BRUXELAS

Costa entre os preferidos na distribuição dos 'tronos' europeus

UNIÃO Socialistas europeus veem António Costa com as qualidades necessárias e elogiam a "capacidade de diálogo" e o compromisso com uma Europa social e inclusiva.

TEXTO **JOÃO FRANCISCO GUERREIRO,** BRUXELAS

Os líderes europeus reúnem-se esta noite, em Bruxelas, num jantar informal à porta fechada, para uma "conversa franca" sobre as futuras lideranças das instituições europeias. O ex-primeiro-ministro António Costa é tido como favorito para a presidência do Conselho Europeu, mas a nomeação não está garantida.

António Costa terá, no entanto, apoios de peso dentro da sala, entre os quais o do chanceler alemão, Olaf Scholz, e o do presidente do governo espanhol, Pedro Sánchez, ambos nomeados pela família socialista para negociarem com os outros líderes o conjunto das presidências institucionais.

Os 27 terão de encontrar uma solução que possa ser conjugada entre a presidência da Comissão Europeia e do Conselho Europeu e os restantes cargos de topo na União Europeia, tendo em conta os equilíbrios políticos, regionais ou de género. Entram também na negociação o cargo de alto representante da UE para a Política Externa e de Defesa e a presidência do Parlamento Europeu.

Nos corredores de Bruxelas admite-se que, entre as famílias políticas, a presidência da Comissão Europeia voltará a ser assegurada pelo Partido Popular Europeu (PPE), sendo para o Conselho Europeu nomeado um membro da família socialista. Se esta configuração se verificar, o primeiro-ministro, Luís Montenegro, já assumiu que se colocará ao lado dos que defendem a nomeação de António Costa. E prometeu "fazer tudo para que essa 'candidatura' seja um sucesso", esperando agora que a família política socialista apresente o nome do português. "Se o Dr. António Costa for candidato, a nossa decisão está tomada", anunciou Luís Montenegro a poucos dias da cimeira, desfazendo a ambiguidade com que pautou os seus comentários sobre o tema nas semanas que precederam as eleições europeias.

Ontem, em entrevista ao jornal *El Español*, o social-democrata e antigo primeiro-ministro português Durão Barroso, que liderou a Comissão Europeia entre 2004 e 2014, considerou natural que os Socialistas & Democratas (S&D) assumam a liderança do Conselho Europeu, ficando o PPE com a presidência da Comissão. "E aqui Costa é o melhor posicionado. Porque tem muita experiência, é o mais conceituado no seu partido e gera consensos. Penso que é normal que seja o próximo presidente do Conselho Europeu", defendeu.

Já Costa afirmou ainda na noite eleitoral que "nunca aceitaria ser presidente do Conselho Europeu sem o apoio do governo do país", acrescentando, no entanto, que seria importante "ter um português nas instituições internacionais".

A decisão cabe agora ao Partido Socialista Europeu, que tem ainda

Outros nomes na 'guerra dos tronos' de Bruxelas

Viktor Orbán
É nome controverso no Conselho Europeu,pois frequentemente diverge do grupo. Mas um impasse prolongado coloca o primeiro-ministro da Hungria em destaque nas discussões de cargos de topo quando assumir a presidência semestral da UE. Se o atual presidente do Conselho Europeu tivesse concorrido ao Parlamento Europeu, a partir de julho Orbán lideraria interinamente a instituição.

Alexander De Croo
O primeiro-ministro belga ainda não foi considerado para a liderança do Conselho Europeu, mas algumas coincidências colocam-no numa posição vantajosa. Demitiu-se após a derrota eleitoral interna, mas ainda está presente na sala. Também é uma vantagem ser o presidente de turno. Porém, é improvável ter novamente um liberal belga no Conselho Europeu.

Kaja Kallas
A primeira-ministra da Estónia tem defendido uma União Europeia mais assertiva contra a Rússia. É respeitada no cenário político europeu. O equilíbrio regional dos *top jobs* é um argumento a seu favor. Mas esta liberal tem sido apontada para o cargo de chefe da diplomacia.

Mette Frederiksen
Primeira-ministra da Dinamarca desde junho de 2019, é a líder feminina com mais tempo no cargo na UE. É vista como alguém que compreende a gravidade da agressão russa à Ucrânia. É elogiada por defender políticas de transição energética e crescimento sustentável. Mas a postura rígida sobre imigração afasta-a da sua família socialista e enfraquece o seu currículo.

Mario Draghi
Ex-presidente do Banco Central Europeu e ex-primeiro-ministro de Itália, é um dos mais experientes a nível europeu. Credível e com provas dadas durante a crise da dívida soberana, é considerado por alguns um bom sucessor de Von der Leyen. O seu nome também é mencionado para o Conselho Europeu.

BEN STANSALL / AFP

entre os nomes mais bem classificados para um cargo de topo em Bruxelas a primeira-ministra dinamarquesa, Mette Frederiksen. A sua nomeação daria a possibilidade de, pela primeira vez, as quatro presidências serem desempenhadas por mulheres, com Ursula von der Leyen na Comissão Europeia, a atual primeira-ministra da Estónia, Kaja Kallas, como alta representante e Roberta Metsola no Parlamento Europeu.

Porém, dentro da família socialista o nome de António Costa tem vindo a sobressair como um político com "capacidade de diálogo", destacando-se pelo seu compromisso com uma Europa mais social e inclusiva. E, por essa razão, "reúne todas as qualidades", como admitiu em abril Pedro Sánchez.

Mencionando o nome do português, o secretário-geral do Partido dos Socialistas Europeus defendeu, na semana passada, à margem de um evento público, que lhe parece "evidente" que, "sendo a segunda força" mais votada, espera "que a posição de presidente do Conselho Europeu possa definitivamente ser ocupada por um dos nossos".

Fora da sua família política, o atual presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, chegou a tecer elogios a António Costa, considerando-o "respeitadíssimo e muito conceituado no plano europeu" e um "fazedor de pontes", com "iniciativa" e "soluções". Mas na semana passada circularam notícias de que o liberal belga estaria a fazer campanha para afastar Costa e Von der Leyen dos cargos máximos institucionais.

Se o plano funcionasse, a presidência da Comissão seria atribuída ao primeiro-ministro grego, Kyriakos Mitsotakis, e a do Conselho Europeu à primeira-ministra dinamarquesa. O plano seria do agrado do presidente de França, Emmanuel Macron. Contudo, o tombo da família liberal nas eleições para o Parlamento Europeu enfraquece politicamente o peso desta família nas negociações.

Por outro lado, ao longo de mais de meia década António Costa e Emmanuel Macron construíram "uma excelente relação", segundo o próprio ex-primeiro-ministro. Fontes diplomáticas afirmaram ao *site* Politico que Emmanuel Macron "aprecia" o português, com o qual "gosta de participar em discussões intelectuais".

Fragilizado internamente, depois da vitória do partido da sua opositora de extrema-direita, Marine Le Pen, nas eleições europeias, não se espera que Macron apareça com soluções alternativas para um "*puzzle* que está arrumado", comentou uma fonte com o DN. Porém, João Cotrim de Figueiredo, recentemente eleito eurodeputado, espera que a sua família liberal rejeite António Costa, considerando que no caso do apoio do governo português se trata de "privilegiar a nacionalidade" em detrimento "da utilidade". Uma opção que entende ser "paroquial" e "não serve o projeto europeu".

Mas nesta fase Costa é o mais bem posicionado, preenchendo as preferências de figuras-chave decisivas dentro do Conselho Europeu. A sua maior fragilidade continua a ser o facto de o seu nome ter sido incluído nas investigações da chamada Operação Influencer. Porém, na imprensa europeia é cada vez mais descartado o impacto da investigação na nomeação do ex-primeiro-ministro, principalmente devido a um conjunto de "erros embaraçosos" que têm "prejudicado a credibilidade" do processo, refere o Politico.

Se a decisão não ficar fechada já esta noite, haverá uma nova tentativa na próxima cimeira, agendada para 27 e 28 de junho. No Parlamento Europeu há um "apetite" para ter um acordo antes da reunião plenária de julho, para que aí possa ser realizada a eleição do presidente da Comissão Europeia, uma vez que a sessão de setembro ocorre apenas na terceira semana, sendo considerado "já um pouco tarde", comentou uma fonte do Parlamento. A data será marcada em conferência de presidentes dos grupos políticos, mas está dependente das negociações para os outros cargos institucionais. Assim, ao contrário dos habituais impasses que caracterizam as mudanças de ciclo político em Bruxelas, desta vez não se esperam discussões prolongadas. Há até uma certa urgência em "fechar o dossiê" das nomeações dos cargos de topo antes da pausa institucional em agosto, apurou o DN.

Sanna Marin
A ex-primeira-ministra da Finlândia pertence à ala progressista. E isso é tido como vantagem. Tudo aponta que o próximo presidente será nomeado pelos socialistas. Marin tem experiência de governar em permanente negociação com coligações, aspeto crucial na política europeia. É vista como jovem, dinâmica e decidida, em especial depois de trazer a Finlândia para a NATO.

Pedro Sánchez
O atual primeiro-ministro de Espanha é influente no Partido Socialista Europeu. Foi nomeado, juntamente com Olaf Scholz, para negociar a presidência do Conselho Europeu pelos socialistas. A instabilidade política em Espanha, se saísse do governo, torna a sua nomeação improvável. Mas nos bastidores do Conselho Europeu especula-se que possa destacar atributos que se alinhem com o seu próprio perfil durante a negociação para António Costa.

Kyriakos Mitsotakis
Entre os líderes europeus há quem considere o atual primeiro-ministro grego "um excelente presidente do Conselho Europeu". Mas, num jogo de bastidores, Charles Michel tem empurrado Mitsotakis para o lugar de Von der Leyen. É improvável que suceda.

Von der Leyen negoceia apoios enquanto espera por decisão dos 27

COMISSÃO Com 190 lugares no Parlamento Europeu, o PPE precisa de alianças para alcançar a maioria de 361 votos.

FREDERICK FLORIN / AFP

Ursula von der Leyen é a *Spitezencandidat* (cabeça de lista) do Partido Popular Europeu, que foi a família política mais votada nas eleições europeias de 2024, com 190 lugares no Parlamento Europeu. Porém, é um número insuficiente para fazer uma maioria. A família que reúne os partidos de centro-direita na União Europeia precisa por isso de reunir outros apoios. Só assim conseguirá a eleição de Von der Leyen no Parlamento Europeu para novo mandato à frente da Comissão Europeia. Ainda na noite eleitoral, a fazer contas ao número de lugares, perante a ascensão da extrema-direita, Ursula von der Leyen apelou ao apoio de "uma maioria do centro a favor de uma Europa forte", pois "isso é crucial para a estabilidade".

A candidata ao segundo mandato à frente do Executivo comunitário procurava somar o apoio dos 136 eurodeputados eleitos para o grupo dos Socialistas & Democratas (S&D) e dos 80 parlamentares dos liberais (Renew), que, tendo caído em número de lugares, podem, ainda assim, ser decisivos para "segurar o centro". Ao todo contabilizam quase 400 lugares e Von der Leyen conta com todos, apesar das diferenças. "Podemos divergir em pontos individuais, mas todos temos interesse na estabilidade e todos queremos uma Europa forte e eficaz", disse, prometendo encetar de imediato uma ronda de conversas com "a plataforma, ou seja, com o S&D e o Renew", com os quais trabalhou "nos últimos cinco anos", podendo agora continuar "uma relação construtiva e comprovada".

Mas Ursula von der Leyen admitiu que não fecha portas a outros apoios, num Parlamento em que "os extremos à esquerda e à direita ganharam" força. Como contrapartida, impõe que respeitem determinados aspetos, nomeadamente terem uma visão pró-europeia, estarem comprometidos com a defesa do Estado de direito e serem a favor do apoio à Ucrânia.

Na ala da direita eurocética, no grupo ECR, a eurodeputada da direita nacionalista belga Assita Kanko admite continuar a trabalhar "muito bem, também com Von der Leyen", segundo o exemplo do ciclo dos "cinco anos" anteriores, "dependendo do programa". É no ECR que deverão sentar-se, na próxima legislatura, os 11 deputados do Fidesz, o partido do primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, que em fevereiro manifestou interesse em se aproximar desta família política (da qual faz parte o Fratelli d'Italia, partido da primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni), depois da expulsão do PPE por violações ao Estado de direito na Hungria.

No entanto, "a responsabilidade" recai "sobre os partidos do centro", considerou Von der Leyen, ciente de que juntos ultrapassam largamente a maioria parlamentar. No entanto, os 27 terão primeiro de entender-se quanto ao nome a propor. Pelo menos 15 países, representativos de mais de 65% da população, terão de estar a favor. E apenas 13 dos 27 líderes integram a mesma família política de Von der Leyen. Por essa razão, no Conselho Europeu também terá de haver negociação. **J.F.G.**

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

Bruno Gonçalves
"Espero que o Parlamento responda ao populismo com uma democracia mais forte"

ELEIÇÕES EUROPEIAS O mais jovem dos 21 eurodeputados portugueses olha para o que se avizinha, estabelece prioridades e já fala sobre uma eventual liderança de António Costa no Conselho Europeu, que, diz, seria boa para Portugal e para a UE.

ENTREVISTA **RUI MIGUEL GODINHO**

É o mais novo dos 21 eurodeputados portugueses, com 27 anos. Como se prepara uma mudança de vida deste género com esta idade?
No fundo, é uma continuação das responsabilidades políticas internacionais que exercia de outro modo, ou, pelo menos, contribuindo de uma outra forma. Primeiro, merecendo a confiança dos portugueses e, segundo, representando Portugal da melhor forma possível. Creio que a minha preparação política e profissional diz muito bem isso. Disse várias vezes no decorrer da campanha, e tenho afirmado ao longo dos últimos anos, que temos uma geração muito bem preparada para os desafios técnico-profissionais e políticos. E acho que, nesse âmbito, precisamos de mais jovens a participar, a contribuir ativamente. Essa é a grande responsabilidade que agora tenho, que já tinha e que acho que todos temos enquanto atores coletivos. Estas eleições demonstraram um grau de confiança dos portugueses para com o PS que o partido tem de saber interpretar com humildade, com gratidão e, sobretudo, com muito trabalho. A responsabilidade é diretamente proporcional ao trabalho que queremos fazer. Alinhámos as estratégias e as prioridades de uma forma muito clara para as eleições europeias e agora procuraremos responder-lhes, tanto em Bruxelas como em Portugal, onde cada um terá responsabilidades acrescidas.

Sendo um jovem eurodeputado, quais são as principais tónicas para o seu mandato?
São amplas. Acho que a primeira é a da institucionalidade, garantir que a União Europeia (UE) continua a avançar e a ser estável. Isso começa já com o processo negocial [dos principais cargos], que terá início no Conselho Europeu, depois virá ao Parlamento [Europeu], para negociar tanto com o Parlamento como com a Comissão Europeia. Isso significa que temos de ter instituições sólidas e continuar a avançar numa ótica comunitária da UE. Depois, há desafios mais concretos, tanto para o país como para a juventude, e o primeiro tem a ver com uma das grandes tónicas deste mandato que assumimos, desde logo na campanha eleitoral: a reindustrialização da Europa. Ou seja, uma indústria que seja verde, que permita uma transição justa, mas uma indústria forte que possa, do ponto de vista do contexto geopolítico mundial, fazer com que a Europa avance não no rumo protecionista, mas num sentido cooperativo mais forte. Quer isto dizer que conseguimos produzir não apenas melhor valor acrescentado, mas também ter empresas mais fortes dentro da UE, para que um jovem do interior de Portugal se sinta tão europeu e tão protegido, do ponto de vista dos seus direitos económicos e sociais, como um jovem que nasce numa grande capital do Centro da Europa. O segundo desafio tem a ver com uma prioridade específica que é a habitação acessível. É necessário criar um plano europeu para a habitação. A iniciativa cabe à Comissão Europeia e, depois, há os relatórios que podemos propor no Parlamento, conjuntamente com a legislação. É preciso uma habitação que seja acessível para as classes médias também. Há vontade política no grupo político [dos Socialistas e Democratas, o S&D] de avançar com essa matéria. A seguir há uma terceira premência, não do ponto de vista programático, mas do ponto de vista da paz. Pela primeira vez desde a queda do Muro de Berlim, o Parlamento Europeu tem um contexto de guerra dentro do continente europeu, mas também às portas geográficas da UE. Também relativamente ao conflito israelo-palestiniano devemos promover não só as negociações bilaterais, com a delegação entre a UE e a Palestina, mas também avançar, de uma forma muito forte, para que diferentes países se posicionem para reconhecer o Estado da Palestina. Isto para que, finalmente, possamos alcançar a paz tanto na Ucrânia como na Palestina e para que a Europa continue a ser, do ponto de vista das relações externas, um ator de paz e estabilidade no mundo.

Quero também abordar outra questão que não me parece menor: as novas regras orçamentais e o Pacto de Estabilidade. Acha que são penalizadores para Estados como Portugal, que não é, de todo, uma das maiores economias europeias?
Devo salientar o papel da delegação do PS, sobretudo na Comissão de Orçamento. Houve um processo muito importante dos eurodeputados portugueses, e especificamente da eurodeputada

PERFIL

Quem é Bruno Gonçalves?

O mais jovem eurodeputado português tem 27 anos e é natural de Braga. É mestre em Engenharia Mecânica pela Universidade do Minho e já foi líder da Juventude Socialista de Braga. Atualmente ocupa o cargo de secretário-geral da União Internacional de Juventudes Socialistas, organização que conta com mais de 10 milhões de membros diretos ou indiretos. Durante a campanha, adotou uma posição clara quanto ao reconhecimento do Estado da Palestina, onde já esteve várias vezes.

Margarida Marques. Conseguimos influenciar o relatório do Parlamento, assim como o enquadramento da negociação das regras fiscais aplicadas a partir do próximo quadro comunitário. Este Parlamento Europeu terá como uma das grandes tarefas, às vezes parecendo invisível mas muito importante, a negociação do próximo quadro plurianual já a partir de 2027. Isto significa um desafio enorme para Estados periféricos e também para os Estados que recebem fundos comunitários e de coesão. Os desafios são enormes não só por causa das regras, mas também pelas questões geopolíticas que a UE enfrenta. O primeiro deles é, desde logo, o alargamento. Dissemos durante a campanha eleitoral que precisamos de um alargamento que seja realista, que vá ao encontro das expectativas dos povos que querem e têm feito esforços para entrar na UE. E necessitamos também de ser realistas na forma de manter a coesão. Isso significa que faremos um esforço, certamente, não apenas para a revisão das regras orçamentais, mas todo o esforço que seja necessário, e acho que aí os deputados socialistas e os eurodeputados portugueses devem, e têm, a responsabilidade especial de que esse quadro de negociação seja tão mais favorável a Portugal quanto possível.

Outro dos temas que tem sido discutido é a questão de uma eventual presidência do Conselho Europeu vir a ser exercida por António Costa. Qual a sua opinião sobre o assunto?

A minha opinião é de que estaremos muito próximos de essa possibilidade ser uma realidade. E acho que é um motivo de orgulho não só para os socialistas. Há um quadro negocial em curso [para os cargos europeus] neste momento (*ver págs. 4 e 5*) e penso que é importante ressalvar dois pontos. O primeiro é que António Costa não é só um socialista português, é um democrata convicto, e precisamos dele à frente das instituições europeias. Segundo, António Costa é uma figura muito respeitada no quadro dos diferentes chefes de Estado e de governo da UE. Significa isso que tem um capital político próprio inerente às funções que desempenhou em Portugal, mas também às que exerceu no próprio Conselho Europeu em diferentes quadros de negociação. Não esquecer que, enquanto Portugal assumiu a presidência rotativa do Conselho da União Europeia, António Costa permitiu que o Next Generation EU fosse revertido em legislação nacional em tempo recorde, cerca de seis meses, ao invés dos dois anos que demora um processo destes. Conseguimos avançar com os fundos europeus de recuperação e esse é um capital que agrega nas instituições europeias. O presidente do Conselho Europeu é a primeira figura política da UE. É a figura que tem o capital político e se reveste da confiança dos diferentes responsáveis. Acho que, mais do que positivo para um país periférico como Portugal, é muito positivo para a UE, que enfrenta desafios externos e também internos muito próprios do ponto de vista da salvaguarda da democracia.

E como devem ser encarados esses desafios?

O populismo resolve-se com democracia. Nasci depois do 25 de Abril, depois da queda do Muro de Berlim, mas, como muitas pessoas, estou a viver num tempo de enorme incerteza económica, social e institucional dos regimes democráticos, na medida em que se encontram ameaçados. A resposta no Parlamento Europeu não deve ser diferente da resposta em qualquer instituição. Tem de ser uma resposta democrática, onde as forças democráticas sufragadas pelos povos encontram pontos de consenso e de progresso em políticas concretas que ajudem as pessoas. Já falámos aqui do caso da industrialização, e haveria outras políticas concretas para abordar, mas há um debate anterior a este, que é o da política em geral. Na UE decidimos ser convictamente europeus e democratas. Dentro deste quadro da defesa do projeto europeu, da defesa da democracia, devem estar todos os outros princípios. E, espero, não só pelo alarme crescente dos resultados da extrema-direita, mas devido ao reforço de uma maioria progressista e de fortalecimento democrático da UE. Isto desde que as famílias políticas que se alinharam no anterior mandato tenham essa disponibilidade. Espero que o Parlamento responda ao populismo com uma democracia mais forte e com maior centralidade parlamentar. Afinal, o Parlamento Europeu é a única instituição diretamente eleita pelos cidadãos da Europa.

rui.godinho@dn.pt

IL aponta falhas ao governo e pede mais ambição

Para a IL não há dúvidas: o governo vai falhar o crescimento económico que a AD inscreveu no seu programa eleitoral e já falhou aos maiores de 35 anos que não tiveram alívio fiscal visível.

Na abertura do Conselho Nacional da IL (que aconteceu em Coimbra), Rui Rocha, líder do partido, disse que esse fracasso é resultado das "medidas frágeis, insuficientes, pouco ambiciosas que este governo está a tomar". "Por muito que anuncie muitos planos, o crescimento económico não será aquele que a AD previu", continuou. "A descida do IRC faseada, mitigada, insuficiente não vai trazer o investimento estrangeiro, nem trazer a luta e a competição pelos salários de que o país precisa e que levaria, de facto, a que todos os portugueses vivessem melhor. Isso não vai acontecer e responsabilizo aqui a AD pela falta de ambição desse projeto", argumentou.

O também deputado voltou a defender que o crescimento económico e a baixa de impostos estão ligados e acusou o governo liderado por Luís Montenegro de já ter falhado aos portugueses maiores de 35 anos, "que veem que não tiveram nenhum alívio fiscal visível nestas decisões", nem veem horizonte para que ele possa acontecer.

Dirigindo-se ainda ao governo, avisou que, depois das eleições europeias e de muitos anúncios de medidas, "agora é o tempo de governar", exigindo medidas na saúde, onde, alegou, "os problemas persistem, e não é com falta de coragem, não é com remendos, não é com planos de emergência" que as reformas se fazem. E concluiu a sua intervenção com um desafio ao Executivo: "Não é possível mudar estruturalmente o país, não é possível mudá-lo com impacto na habitação, com impacto na saúde, no crescimento e na fiscalidade se não houver coragem de fazer uma verdadeira reforma administrativa do Estado. Cá estaremos para exigir ao governo da AD essa reforma", frisou.

DN/LUSA

Chega mantém voto contra. Albuquerque pode nem chegar a governar

IMPASSE Miguel Castro, líder do Chega, voltou a dizer que se o líder do PSD-Madeira se afastar viabiliza um governo. Novas eleições só daqui a seis meses.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Contra. O sentido de voto do Chega já era conhecido e, para que não haja dúvidas, Miguel Castro, líder regional do partido, voltou a garantir que não vai viabilizar o programa de governo de Miguel Albuquerque.

À Lusa disse que o programa de governo não é mau, mas votar a favor seria dar um voto de confiança a Albuquerque – algo que o Chega recusa. E, tal como já havia feito, afirmou que se o presidente do governo regional se afastar o partido aprovará o programa. "Dissemos sempre ao longo da campanha que o nosso problema não era com o PSD [enquanto] partido, que foi o mais votado, mas sim com a liderança de Miguel Albuquerque."

O documento – que começa a ser discutido amanhã – será votado na forma de moção de confiança na quinta-feira. E já se sabe que o Juntos pelo Povo (JPP) e o PS estão unidos e vão, tal como o Chega, inviabilizar o documento. Esta junção de forças significa que os três partidos conseguirão os 24 deputados necessários para ter uma maioria. PSD e CDS, juntos, têm 21 em 47 assentos. Ou seja, mesmo que PAN e IL (com um deputado cada, ainda não anunciaram como vão votar) não se oponham ao programa, Miguel Albuquerque pode não conseguir ter o seu governo aprovado no Parlamento Regional.

Por sua vez, Paulo Cafôfo, líder do PS-Madeira, atirou para Albuquerque a responsabilidade de um eventual chumbo. Afinal, quando foi indigitado, o governante disse ter condições para aprovar o programa, perspetivando o apoio de todos os partidos "antissocialistas". Mas, reiterou o líder socialista, "as garantias não eram reais e Miguel Albuquerque mentiu aos madeirenses. Agora veremos o que acontecerá".

Já o JPP, ontem, criticou a "narrativa de medo" à volta do chumbo do programa de governo e realçou que tal não implica a suspensão de obras e execução de fundos (como Miguel Albuquerque já alegou). Mas do lado do apoio ao Executivo o CDS contrapôs essa afirmação, dizendo, pela voz do líder regional, José

ASPRESS / HELDER SANTOS

Miguel Albuquerque não tem uma maioria de apoio parlamentar e pode não conseguir voltar a governar a Madeira.

Manuel Rodrigues, que não aprovar o documento é "uma grande irresponsabilidade" e quem se posicionar contra "será responsável" pelo agravar das condições socioeconómicas no arquipélago.

Chumbo implica queda, mas não obriga a eleições

Se o cenário de não viabilização se confirmar, Ireneu Barreto, representante da República no arquipélago, voltará a ouvir os partidos com assento parlamentar, procurando uma situação de governo viável (seja liderado por outro rosto ou, eventualmente, por outros partidos que consigam um acordo estável).

E se nada disto acontecer? O governo atual ficará em gestão, mas com o raio de atuação mais limitado do que em plenitude de funções. Segundo a Constituição, novas eleições só poderão ser convocadas dentro de seis meses. A acontecerem, será, previsivelmente, entre o final deste ano e o início do próximo. De acordo com o artigo 133.º da Lei Fundamental, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, terá de reunir o Conselho de Estado e ouvir todos os partidos com assento parlamentar regional. Só depois poderá haver novo ato eleitoral, que terá de ser marcado com, pelo menos, 55 dias de antecedência.

rui.godinho@dn.pt

Mais de 46 mil professores efetivos querem mudar de escola

EDUCAÇÃO Há agrupamentos que vão ver sair mais de 90 docentes. Segundo o representante dos diretores escolares, isso é preocupante, porque "uma saída em massa, se todos a conseguirem, provoca uma grande renovação e não haverá grande estabilidade nessas escolas".

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Há agrupamentos onde mais de 90 professores querem mudar de escola.

No concurso interno de professores para o ano letivo de 2024/2025 mais de 46 mil (46.088) docentes concorreram para sair, o que representa um aumento de 37% face ao último concurso, em 2022, cujo número de pedidos de mudança foi de 33.700. Há agrupamentos onde mais de 90 professores querem mudar para outra escola.

No Agrupamento de Escolas Padre Benjamim Salgado, em Vila Nova de Famalicão, 92 professores do quadro de escola (QE) concorreram para sair. No Agrupamento de Escolas de Vilela, Paredes, são 90. Na lista dos agrupamentos que vão perder mais docentes há 23 escolas com 50 ou mais pedidos de saída. A grande maioria desses agrupamentos situam-se nas zonas Norte e Centro do país e apenas seis na zona Sul. O Diário de Notícias contactou dezenas de docentes para perceber o que os leva a quererem uma mudança e os motivos são variados, sendo o excesso de trabalho a principal causa apontada.

Cristina Mota, porta-voz do movimento Missão Escola Pública, acredita que o modelo de gestão está por detrás desta realidade. "O ambiente nas escolas causado pela autocracia é angustiante", afirma. Uma docente a lecionar numa zona de Braga, e que não quis identificar-se para não sofrer represálias, partilha a mesma visão. "Sou QE há 16 anos e concorri para sair. As direções das escolas estão muito incrustadas no posto. Na minha escola é a mesma pessoa há mais de 30 anos e o modelo de gestão é o mesmo há décadas. Foi isso que me motivou a tentar sair", afirma. A docente acrescenta a retirada de poder de decisão aos professores. "Há 10 ou 12 anos os departamentos tinham voz. A nossa participação na escola agora é mais executar o que outros determinam e é muito desmotivante. Somos uns meros executores e guardadores de crianças. É preciso um abanão no sistema educativo. As pessoas andam a arrastar-se nas escolas. As escolas devem voltar ao seu papel de ensinar", conclui.

Já Isabel Braga, efetiva na Escola de Colos, em Odemira, há oito anos, está a dar aulas em mobilidade no Cercal do Alentejo e concorreu para tentar ficar efetiva na escola onde está colocada. "Em Colos estava sobrecarregada e tive todos os sintomas de *burnout*, tinha turmas de 2.º e 3.º ciclos, quatro disciplinas, era diretora de turma (DT) e pertencia ao conselho geral. Nesses oito anos fui também coordenadora dos exames. Estava esgotada", conta.

"Tenho de levar trabalho para casa e trabalhar até à uma ou duas da manhã"

O excesso de trabalho também está na origem da vontade de mudança de uma docente que não se quis identificar, porque não sabe se irá conseguir mudar e não quer "ter problemas". É QE há mais de 20 anos numa escola do Seixal e está desgastada com o "excesso de trabalho burocrático". Apesar de estar muito próxima da sua residência, a professora de Educação Musical concorreu para mudar de agrupamento. "As minhas 35 horas de trabalho semanal são, na realidade, muito mais de 50, pois, com a quantidade de turmas que tenho, para fazer o que me compete tenho de levar trabalho para casa e trabalhar, todos os dias até à uma ou duas da manhã", salienta. No início da carreira, recorda, tinha sete ou oito turmas, agora, mesmo com a redução de horário (a partir dos 50 anos), tem nove – caso contrário teria 11. "Já tive 22 turmas nesta escola. O trabalho de conhecer os alunos, de planificar, de adaptar as atividades, é imenso. Quem quer fazer um trabalho honesto não o consegue com este número de alunos. E temos meninos com educação específica integrada, e tudo isto exige tempo e trabalho", lamenta.

A docente diz sentir estar a trabalhar *pro bono* e ter chegado ao limite. A somar ao excesso de trabalho está ainda "a falta de respeito dos alunos e dos encarregados de educação [EE]. Este ano foi demais a indisciplina e a falta de respeito dos EE. Como DT, fico desmotivada com as queixas que faço aos EE por causa, por exemplo, dos palavrões ditos dentro da sala de aula sem ver da parte deles qualquer preocupação. A falta de respeito foi a gota de água, assim como a falta de vontade dos alunos em aprender". E conta que tem alunos que "colocam a cabeça na mesa e se recusam simplesmente a trabalhar. Este ano com isto tudo entrei numa depressão. Estive até ao fim sem baixa, mas não aguento mais. Ainda na sexta-feira passada meninos da minha DT fecharam uma menina numa sala, sabe-se lá para fazer o quê", recorda. A professora de Música diz ter chegado a pensar mudar de profissão e confessa-se "completamente desgastada". "Estou perto de casa e era uma escola onde pensei que me ia reformar, mas temos uma direção que em tempos tinha sensibilidade para estas questões. De há dois ou três anos para cá mudou. Por exemplo, no ano passado cortaram-nos as horas todas para as atividades, como os clubes de teatro e outros. São estes pequenos momentos de prazer que ajudavam a contrabalançar os mais negativos, e já não os temos."

"Tratam-nos como se fôssemos guardadores de crianças"

Patrícia Carreira, professora do 1.º ciclo, mas com habilitações também para o 2.º, concorreu para sair da escola porque quer mudar para o 2.º ciclo. Há mais de 20 anos na mesma escola, na Margem Sul, diz ter chegado ao limite. "Sempre gostei muito do que faço e de trabalhar com crianças, mas quero mudar de grupo de recrutamento e tem a ver com as condições de trabalho. Gostei muito até a escola se transformar num depósito de crianças. A atribuição de tarefas que nos dão e que não fazem parte da nossa função, como vigiar recreios e hora de almoço, ou saber se as crianças já foram ao dentista, são esgotantes." E salienta ainda o facto de não ter direito à redução de horário, à semelhança dos professores dos outros ciclos, e não ter qualquer redução para os cargos que lhe são atribuídos, como a direção de turma. "Nas escolas de 1.º ciclo não há sequer uma secretaria para tratar qualquer assunto burocrático."

As mudanças das regras de aposentação (anteriormente tinham direito a aposentar-se mais cedo por terem um horário alargado) e a falta de redução de horário também pesaram na decisão de Patrícia Carreira. "Depois há toda uma falta de respeito pela figura do professor e educador. Tratam-nos como se fôssemos guardadores de crianças e é esperado de nós uma série de obrigações que nada tem a ver com a função de ensinar", frisando que que "quando falta uma professora, os alunos são distribuídos pelas outras turmas", chegando a ter mais de 40 crianças numa sala. "As condições de trabalho são cada vez piores. Prolongou-se mais uma vez o calendário escolar, os professores e as crianças estão cansados. Não temos, por exemplo, re-

ESCOLAS MAIS AFETADAS

AGRUPAMENTO	N.º PROF.
Agrupamento de Escolas Padre Benjamim Salgado, Vila Nova de Famalicão	92
Agrupamento de Escolas de Vilela, Paredes	90
Agrupamento de Escolas de Arganil	82
Agrupamento de Escolas de Castelo de Paiva	71
Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha	67
Agrupamento de Escolas General Serpa Pinto, Cinfães	60
Agrupamento de Escolas Daniel Faria, Paredes	59
Agrupamento de Escolas de Felgueiras	59
Agrupamento de Escolas de Pombal	58
Agrupamento de Escolas Águeda Sul	58

LEONEL DE CASTRO/ GLOBAL IMAGEM

cursos para os alunos estrangeiros e cai tudo em cima de um só professor. Vou sair da minha escola porque não consigo trabalhar mais. E, como eu, muitos professores com habilitação para o 2.º estão a tentar mudar", desabafa. Patrícia Carreira diz adorar lecionar no 1.º ciclo mas já não aguentar fazê-lo neste modelo de gestão. "Há 15 ou 20 anos não era assim, agora é um depósito escolar."

Representante dos diretores acredita que as vagas vão ser preenchidas

Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), acredita que "o sistema irá encarregar-se de colocar docentes nas escolas onde os professores querem sair". Questionado pelo DN sobre os motivos que levaram mais de 46 mil docentes a querer mudar de QE, o responsável acredita ser sobretudo a vontade de se aproximarem da área de residência. "De uma forma global, podem não estar satisfeitos com aquela comunidade educativa para a qual estão a trabalhar, mas o primeiro critério é sempre ficar mais perto de casa." Contudo, diz, "numa escola onde muitos querem sair pode haver motivos coletivos". Já sobre os "danos" para os alunos, admite que "uma saída em massa, se todos conseguirem, leva a uma grande renovação e não haverá grande estabilidade nessas escolas, principalmente no Interior, onde todos os anos o corpo docente é renovado". Mas, apesar dos números expressivos de professores a concurso para mudança de QE, diz que ficaria "admirado se essas vagas não fossem preenchidas". "Pode haver QE não ocupados, mas são milhares de professores a concorrer. Somos mais de 100 mil docentes", explica. O presidente da ANDAEP alerta para outro problema: "Pode dar azo a atestados médicos por parte dos professores."

Arlindo Ferreira, diretor do Agrupamento de Escolas Cego do Maio e autor do blogue ArLindo (um dos mais lidos no setor da educação), também entende que o principal fator de mudança é a aproximação à área de residência, mas "poderá haver casos onde as pessoas não se estejam a sentir bem ou estejam a ter excesso de trabalho". O responsável lembra que, quando há concurso interno, "há sempre muita instabilidade nas escolas", tornando o trabalho dos diretores muito "difícil". "É difícil para os diretores porque cada escola tem a sua forma de trabalhar e temos de ensinar o funcionamento da escola aos professores que chegam."

Já do ponto de vista do aluno, defende, "acaba por ser prejudicial, quando há muitas mudanças de docentes, principalmente no 1.º ciclo. É difícil para os mais novos".

Opinião
Paulo Guinote

Emergências

O problema da escassez de professores atingiu uma espécie de ponto de não retorno, por se ter prolongado sem qualquer tipo de justificação racional uma situação que aliou ao natural envelhecimento o esgotamento dos que estão em exercício e uma política profundamente distorcida de preparação e recrutamento de novos docentes.

Nada começou no ano letivo que vai terminando, nem sequer durante a pandemia, porque essa até ajudou a camuflar algumas carências ao possibilitar que voltassem a lecionar à distância muitos docentes com uma situação de saúde que não lhes permitia a deslocação física à escola.

Sei que se recomenda que não se comecem a apontar responsabilidades pelo que temos (são variadas e prolongam-se por duas décadas), mas sim que se busquem soluções. Foi o que tentou o atual ministro da Educação com o seu Plano +Aulas+Sucesso, que, para além de ter uma missão impossível, apresenta um título mistificador, pois o sucesso não se garante apenas com mais aulas, mas sim com melhores aulas em melhores condições.

Começo pelos pontos positivos para que não se diga que apenas vejo as partes más: para já, parece não ter havido cedência à pressão para aumentar o número de alunos por turma ou para reduzir o número de aulas dos alunos através de truques curriculares. Aliás, começar um plano por "+Aulas" e depois reduzi-las seria demasiado paradoxal. Até porque essa "solução" levaria a um desgaste mais acelerado dos docentes que se querem reter. Em seguida, acho interessante, embora irrealista, que se tenha optado por tentar atrair bolseiros, investigadores e mesmo ex-docentes do ensino superior em vez da solução de baixar os critérios de admissão na docência.

Dito isto, há que apontar as insuficiências de um plano muito poupadinho (pouco mais de 22 milhões de euros), no qual 6 das 15 medidas são apresentadas com impacto orçamental "neutro" (talvez a sua maior valia na perspetiva do governo) e a mais onerosa (o suplemento remuneratório para quem atingir a idade de reforma e queira continuar a dar aulas), com um valor projetado de 9 milhões de euros, é uma das que tem menos possibilidades de ter qualquer sucesso. Não é com mais 750 euros brutos (400 líquidos, para arredondarmos valores) que quem está a contar os dias para abandonar a profissão, num misto de desilusão e esgotamento, mudará de estado de espírito. Muito menos nas zonas onde existe maior carência de docentes, como a Grande Lisboa.

> **O plano tem algumas ideias interessantes, embora boa parte padeça de um otimismo irrealista e outras sejam pouco ambiciosas (acredito que por questões orçamentais), o que levará à sua ineficácia.**

Do mesmo modo, não adianta acenar com mais horas extraordinárias, pagas em acumulação com o salário para efeitos de IRS, a quem já tem dificuldade em assegurar o horário "normal". Para isso, seria necessário reformar de modo profundo a burocracia escolar, assim como uma série de funções administrativas que o pessoal docente assegura e antes não eram da sua responsabilidade, em especial antes da criação de mega-agrupamentos com serviços de administração escolar cada vez mais minguados.

Do domínio do pensamento mágico – como fazer regressar docentes aposentados em troca de uma remuneração ao nível do início de carreira – é a esperança que bolseiros de investigação científica, investigadores e doutorados sintam vontade de ir lecionar para o ensino básico e secundário quando essa foi das opções que menos os atraíram desde os bancos da faculdade, para não dizer que mais os horrorizou.

Por fim, há aquelas medidas que já existem e que apenas se pretende "agilizar" ou "flexibilizar": completar horários em diferentes escolas já é possível. O que seria interessante era atribuir ajudas de custo para as deslocações desses docentes. Mais adequada é a decisão de permitir a contratação anual de docentes para substituir quem está com baixa médica por doença prolongada.

Em resumo: o plano tem algumas ideias interessantes, embora boa parte padeça de um otimismo irrealista e outras sejam pouco ambiciosas (acredito que por questões orçamentais), o que levará à sua ineficácia. Sobram algumas que, na melhor das hipóteses, servirão de escasso remendo para tamanho buraco.

Professor do ensino básico.

Quando o espaço é uma galeria de arte

CIÊNCIA *VINTAGE* Remonta à década de 60 a primeira pintura executada em órbita terrestre. Há perto de seis décadas que a arte vai ao espaço. Nos anos 80 as experiências faziam-se em torno da resistência dos materiais, hoje, arte conceptual procura novos caminhos através do ADN e do digital.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

Ano de 1986. Fundada em 1907, a empresa especializada em restauro de arte Lowy Frame and Restoring Company, sediada em Nova Iorque, recebe um quarteto de pinturas a óleo. As obras de arte moderna haviam terminado uma viagem a bordo do contentor G-481. Ao contrário das encomendas habituais, as mãos dos restauradores não iriam lidar com pintura proveniente de museus ou de coleções privadas. As telas em linho acomodadas no contentor G-481 findavam um périplo de quatro milhões de quilómetros a 338 mil metros acima da superfície da Terra. Ao longo de seis dias, duas horas, três minutos e 51 segundos, a arte do projeto Vertical Horizons, criado em 1985, orbitou o nosso planeta 98 vezes a bordo do vaivém espacial Columbia. A 12 de janeiro de 1986 o engenho espacial descolara do Centro Espacial Kennedy, na Florida. Na época, o programa do vaivém espacial vivia o seu auge. O espaço próximo à Terra pululava com os veículos parcialmente utilizados em voos consecutivos. O projeto da NASA correria rumo à órbita terrestre até 2011. Nas décadas de 80 e de 90 o programa Get Away Special permitiu a 173 instituições e indivíduos da sociedade civil endereçar para o espaço as suas experiências em diferentes domínios. Indústrias, fundações, universidades, escolas secundárias, entre outras entidades, aproveitaram a boleia rumo às estrelas. O programa que cunhou o nome de uma tarifa especial de férias para voos entre as cidades de Los Angeles, na Califórnia, e Honolulu, no Havai, acolheu o objetivo da Vertical Horizons – o de melhorar a vida no espaço. No caso vertente o de levar para a gravidade zero a arte humana. Ao desafio da empresa norte-americana respondeu a nova-iorquina Lowy Frame and Restoring Company. A encomenda com as pinturas que conheceriam o espaço decorria de um acordo firmado entre a empresa de restauro e a Vertical Horizons. Objetivo: perceber o comportamento e eventual degradação no espaço de materiais de arte orgânicos, como tintas à base de óleo e telas em linho. A coordenar as operações por parte da empresa norte-americana estavam o psicólogo ambiental Howard Wishnow e Ellery Kurtz, fundadores da Vertical Horizons. Ao ritmo de vaivém do Columbia, a arte rumou e regressou do espaço acondicionada em contentores-padrão da NASA de 91 kg. No final, o relatório, ainda hoje disponível na página *online* da empresa criada por Wishnow e Kurtz, detalha: "Quando os materiais de arte plástica são transportados de acordo com o método seguido por esta experiência, não há sinal aparente de degradação. Podemos, portanto, concluir que materiais de belas-artes podem ser transportados para o espaço durante períodos limitados e devolvidos em segurança."

Na década de 80 a arte não era uma debutante no espaço. Há perto de duas décadas que o ambiente exterior à Terra conhecia o talento humano no que respeita à pintura. A aventura dos traços e cromatismos sobre diferentes suportes iniciara-se na década de 60 com um soviético, o cosmonauta Alexei Leonov. Nascido em 1934 em Moscovo, Leonov não ganhou a eternidade nos anais da exploração espacial por graça dos seus dotes artísticos – em 1965 foi o primeiro humano a passear no espaço. Doze minutos no exterior do engenho espacial, sustentados pela proteção de 12 metros de cabo. Na mesma viagem a bordo da astronave *Voskhod* esboçou o primeiro desenho fora da Terra, um nascer do sol orbital, rabiscado a lápis de cor adaptados à gravidade zero. Na época, em plena Guerra Fria, o espaço não espicaçava apenas disputas nacionalistas, também era palco para o empreendedorismo de espíritos artísticos. Em 1962 a NASA instituiu o programa Space Art, impulsionada pelo seu segundo administrador, James Edwin Webb. Longe da gravidade zero, a agência espacial norte-americana instou um grupo de artistas a criarem visões futuristas da conquista das estrelas, assim como cenários ambientados em planetas do sistema solar.

Galeria lunar (em cima) e a escultura do alemão Paul Van Hoeydonck que descansa na poeira lunar desde 1971.

Ainda em 1989, o artista conceptual americano Lowry Burgess, tido como o "avô" da arte no espaço, endereçou para a órbita terrestre a bordo do vaivém espacial um cubo com água recolhida nos 18 maiores rios do mundo, em icebergues e nascentes. Combinou estas águas com os elementos da tabela periódica e selou-os numa câmara de vácuo. O *Cubic Lunar Aperture* representou uma nova era na arte acima da atmosfera da Terra. Em 1993, o americano Arthur Woods entregava nas mãos da tripulação da estação espacial russa Mir a primeira escultura projetada para incorporar um *habitat* humano em órbita ao nosso planeta. *Cosmic Dancer* vogaria nas semanas seguintes, qual dançarino flutuante, no interior da nave inaugurada em 1986 perante os olhos dos cosmonautas Aleksandr Poleshchuk e Gennadi Manakov. O mesmo Woods, dois anos após a estreia do seu talento no espaço, realiza a primeira exposição de arte em órbita. *Ars and Astra* fez mostra de 20 peças de outros tantos artistas de diferentes nacionalidades. O projeto Euromir-95, da Agência Espacial Europeia, transformava-se numa galeria de arte centenas de quilómetros acima da superfície terrena. Thomas Reiter, astronauta alemão que integrou a missão, diria, citado no *site* relativo ao projeto: "Há muitas coisas aqui a bordo que nos mantêm vivos, como sistemas que produzem oxigénio para respirarmos ou água para bebermos. A arte também faz parte do que é necessário para vivermos, para manter a memória da Terra, das nossas famílias, amigos e natureza."

Não foi como galeria de arte mas como estúdio de som que a Estação Espacial serviu de palco ao astronauta canadiano Cris Hadfield em 2013. O vídeo publicado por Hadfield no YouTube conta, presentemente, com mais de 54 milhões de visualizações. Ao longo de mais de cinco minutos o primeiro astronauta canadiano a fazer um passeio espacial dedilha a sua guitarra e canta os versos do tema de 1969, de David Bowie, *Space Oddity*. No vídeo, intitulado *Rare Earth*, Hadfield evoca a figura de um astronauta fictício, Major Tom, criada pelo cantor e compositor britânico.

Já em 2024 a bioartista e *designer* Amy Karle encapsulou num polímero amostras de ADN convertidas em pó, assim como textos escritos em formato digital de cidadãos de diferentes nacionalidades. Propõe-se enviar a sua cápsula do tempo, feita arte, em direção à Lua no ano de 2026. As identidades digitais dos participantes nesta experiência artística vogarão no espaço em direção ao satélite artificial da Terra à boleia do foguete da SpaceX, de Elon Musk. A aguardar na Lua a arte de Amy estará uma estatueta de alumínio com 8,5 cm de comprimento. Não identifica raça ou género. A escultura do alemão Paul Van Hoeydonck descansa na poeira lunar desde 1971. Chegou às terras de Hadley Rille a bordo da Missão Apollo 15. Um pequeno objeto de arte lançado à Lua em homenagem aos astronautas e cosmonautas que perderam a vida na exploração espacial.

PSP controlou cerca de 10 milhões de passageiros na fronteira aérea em sete meses

AEROPORTOS No mesmo período, a força de segurança impediu a entrada de 1074 passageiros em Portugal. Foram detidos 158.

Em sete meses, a PSP deteve nos aeroportos nacionais 158 pessoas e recusou mais de mil entradas em território português, indicou a força de segurança num balanço operacional de controlo da fronteira aérea.

O período analisado vai de 29 de outubro de 2023 a 31 de maio de 2024, durante o qual foram controlados cerca de 10 milhões (9.838.862) de passageiros na fronteira aérea. Foram intercetadas 14.497 pessoas, detetadas 3227 medidas cautelares, impedida a entrada de 1074 passageiros e detidos 158, 13 estrangeiros detidos pelo crime de imigração ilegal.

A PSP revelou que recebeu 361 pedidos de proteção internacional e registou 559 fraudes com documentos. Foram registados 14 processos de afastamento coercivo e 39 de expulsão judicial e efetuadas 75 escoltas nacionais e 10 internacionais.

No resumo do relatório divulgado à agência Lusa, a PSP especificou que atualmente tem 900 polícias afetos aos aeroportos nacionais, incluindo continente e Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. "No dia 29 de outubro de 2023 a PSP adquiriu novas competências em matéria de controlo fronteiriço [...] A PSP continua a empenhar um significativo número de recursos (humanos e materiais) em segurança aeroportuária, de forma a prevenir a prática de atos ilícitos contra a aviação civil", lê-se no resumo.

Relativamente às interceções, esclarece que estão relacionadas com o controlo de passageiros na primeira linha, ou seja, quando há, por exemplo, dúvidas quanto à proveniência dos documentos apresentados ou sempre que os cidadãos estrangeiros não consigam apresentar uma justificação válida para entrarem no Espaço Schengen. Quanto às detenções, a maioria resulta de ocorrências relacionadas com a utilização de documentos falsificados ou alheios.

No âmbito de processos de recusas de entrada, a força policial decretou 31 medidas de interdição de entrada e permanência em território nacional porque as situações configuravam ameaças à ordem e segurança públicas e segurança nacional, sendo que, de um modo geral, essas recusas de entrada estão relacionadas com o uso de documentos falsos ou alheios.

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

A PSP tem novas competências no controlo da fronteira aérea desde outubro de 2023.

No que concerne a apoios ao trânsito de cidadãos estrangeiros afastados do Espaço Schengen por outros Estados-membros, prestou apoio a 111 pedidos de trânsito. Foram elaborados 252 autos de contraordenação por infrações diversas relacionadas com o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional.

São nove os aeroportos controlado pela PSP: Lisboa, Porto, Faro, Madeira, S. Miguel, Terceira, Porto Santo, Santa Maria e Beja.

E, embora não sejam considerados postos de fronteira aérea, a PSP exerce, "com elevada frequência", atribuições de controlo fronteiriço nos Aeródromos de Tires e da Horta.

Simultaneamente, e em função da classificação atribuída pela Autoridade Nacional da Aviação Civil (ANAC), existem pequenos aeródromos (e bases militares) distribuídos por todo o território nacional que, quando devidamente autorizados a processar voos Schengen (não comunitários) ou voos internacionais, recorrem a esta força de segurança para controlos de fronteira.

Ainda de acordo com este balanço, em matéria de gestão dos centros de instalação temporária e espaços equiparados (CITEE), a PSP é responsável por um centro de instalação temporária (CIT) e três espaços equiparados a centros de instalação temporária (EECIT), espaços localizados em Lisboa, Faro e Porto. "[Compete à PSP] assegurar, independentemente das circunstâncias, que [os migrantes] são objeto de um tratamento digno em matéria de proteção e salvaguarda da dignidade humana e dos direitos fundamentais do cidadão", garantiu a PSP.

DN/LUSA

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Bares, restaurantes e cafés em Portugal utilizam mão de obra estrangeira para manter equipa de trabalhadores.

Fim das manifestações de interesse pode causar falta de mão de obra, diz especialista

MÉDIO PRAZO Não agora, mas, no futuro, alguns setores poderão sofrer com a falta de trabalhadores em Portugal. O Governo quer priorizar a atração de profissionais qualificados, o que pode causar problemas em áreas como hotelaria, restaurantes, agricultura e construção civil.

TEXTO **AMANDA LIMA**

A médio e longo prazo, o fim das manifestações de interesse poderão causar falta de mão de obra em alguns setores de Portugal. A avaliação é de Pedro Góis, professor da Universidade de Coimbra e pesquisador de imigração no país. "Não antevejo problemas imediatos, mas o fim das manifestações de interesse pode, de fato, ter impacto na disponibilidade de mão de obra em profissões e setores menos qualificados em Portugal", afirma ao DN Brasil.

A situação não deve ser registrada logo, porque ainda existem trabalhadores no território aptos a trabalhar, ou seja, aqueles que já ingressaram com o pedido da manifestação de interesse no portal agora extinto. "Não será de imediato, porque o acumular de pendências mostra que para este ano existe uma reserva de mão de obra", diz o professor. De acordo com o último relatório Imigração em Números, divulgado todos os anos em dezembro, "alguns setores entrariam em colapso" sem o trabalho dos estrangeiros que vivem em Portugal. É o caso, por exemplo, da construção civil, setor que está em pleno crescimento no país. Conforme o Instituto Nacional de Estatística (INE), houve o aumento de 2,8% no índice de empregos em abril deste ano, na comparação com o mesmo mês de 2023.

A Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas (AICCOPN), em nota divulgada aos associados e a qual o DN Brasil teve acesso, teme que a medida "não venha a ter o efeito pretendido e que possa até vir agravar o problema da falta de mão-de-obra". Para a direção da entidade, as manifestações de interesse não eram o problema, mas sim, o que causava transtornos "era a na absoluta incapacidade demonstrada pelo Estado durante anos, inicialmente o SEF e posteriormente a AIMA, para agendar as entrevistas e analisar as condições para atribuição das autorizações de residências", sublinha o documento.

Outro setor que pode ser afetado é o agrícola. Diferente da área de serviços, em que os brasileiros são maioria, na agricultura a maior parte da mão de obra vem da Ásia, os cidadãos mais atingidos pela medida. Sem a manifestação de interesse, estes trabalhadores ficam com poucas alternativas para entrada no país, com uma pequena rede consular portuguesa disponível para solicitar vistos, que também possuem um alto custo financeiro. "Andamos há dez anos a pedir uma embaixada ou um consulado, mas nunca conseguimos", desabafou à Lusa Alam Kazoi, dirigente da Comunidade Bangladesh do Porto. O consulado mais perto da capital Dakha fica a 1,8 mil quilômetros, em Nova Delhi, na Índia. Segundo Kazoi, somente para a viagem de fazer e buscar o documento o custo é de 2 mil euros, sem contar as taxas necessárias. O mesmo plano que acabou com as MIs prevê o reforço de funcionários na rede consular portuguesa pelo mundo. Ainda não está fechada a lista de postos que receberão os profissionais, mas o DN Brasil sabe que a Índia é um dos países com possível aumento na equipe.

Bares, cafés, restaurantes e hotelaria são outras áreas possivelmente afetadas a médio e longo prazo pelo fim das manifestações, alerta Pedro Góis. O setor também é apontado no relatório Imigração em Números como um dos que mais necessita da mão de obra estrangeira.

Visto de procura de trabalho "não funciona para algumas profissões"

Segundo Pedro Góis, o visto de procura de trabalho, uma alternativa para quem quer trabalhar em Portugal, "não serve para algumas profissões". A legislação obriga que o trabalhador tenha um contrato de trabalho assinado, sem a possibilidade de trabalhar a recibos verdes, uma prática comum em diversas áreas, como a restauração. Conforme o especialista, esse tipo de visto também não é vantajoso para "a maioria das pequenas e médias empresas".

O visto foi criado em 2022, com objetivo de diminuir a falta de mão de obra na área do turismo. Na época, a estimativa do Governo era que faltavam 50 mil profissionais nesta área. O Brasil é o país com maior número de pedidos deste tipo de visto, que dá ao imigrante 120 dias para efetivar um contrato de trabalho depois de entrar no país.

Se o visto de procura de trabalho ou o próprio visto de residência da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) não forem suficientes, Pedro destaca que precisam ser pensadas outras soluções. Na visão do pesquisador, uma saída poderá ser a de Portugal efetivar acordos bilaterais ou multilaterais, como o da própria CPLP e outros países de origem. Pedro ainda destaca que outra possibilidade passa por disponibilizar programas específicos para setores com maior carência de mão de obra. "É necessário construir alternativas para o médio prazo", analisa.

AIMA processou 110 mil pedidos de residência

EXCLUSIVO Antes do fim das manifestações de interesse, AIMA convocou milhares de pessoas com pedidos em aberto. Dos 110 mil que pagaram a taxa, 30% são brasileiros, o equivalente a 33 mil pessoas.

Em pouco mais de um mês, 110 mil imigrantes foram convocados pela Agência para Integração, Migrações e Asilo (AIMA). Destes, os brasileiros são maioria: 33 mil pessoas, o equivalente a 30% do total. Os dados foram disponibilizados com exclusividade ao pela AIMA ao Diário de Notícias Brasil.

O procedimento começou a 8 de maio, quando os estrangeiros com manfestação de interesse ingressada até 30 de abril de 2023 receberam e-mails com pedido de pagamento da taxa obrigatório para obter o título de residência. O objetivo da agência foi agilizar os processos em andamento.

No entanto, inicialmente, a ação foi criticada por alguns imigrantes e pelo próprio Governo, porque o procedimento passou a incluir o pagamento antecipado da taxa. Aos cidadãos de países sem acordos, o valor é de praticamente 400 euros, sem possibilidade de parcelamento.

Até então, o valor era cobrado somente na hora da entrevista com o estrangeiro, quando são colhidos os dados biométricos nos balcões da AIMA. Ou seja, a necessidade de pagamento sempre existiu, mas havia um tempo para o imigrante organizar as contas e juntar o dinheiro. Alguns até desconfiaram da veracidade do e-mail da agência, que reforçou a comunicação como verdadeira e criou um documento, em português e inglês, com perguntas e respostas para o assunto. O novo procedimento arrecadou 30 milhões de euros em pouco dias, dinheiro que será usado na execução do novo plano para a imigração.

Além de acelerar os pedidos, a medida também teve como outro objetivo verificar se a pessoa que ingressou com o pedido ainda estava em Portugal, visto que, neste meio tempo, poderia ter voltado ido para outro país ou regressado ao local de origem.

Na semana passada, cerca de um mês depois das convocações, aqueles que efetuaram o pagamento da taxa começaram receber e-mails com a data para ir até um balcão da AIMA. O DN Brasil teve acesso a um destes e-mails, em que o um imigrante brasileiro fez o pedido de residência em fevereiro de 2023, com resposta em maio deste ano. A marcação foi agendada para outubro, cinco meses depois do pagamento da taxa e da convocação por parte da AIMA.

REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

Imigrantes estão sendo chamados para entrevista em outubro.

O tempo parece demorado, mas o procedimento já foi muito mais lento e prejudicial aos trabalhadores imigrantes. Até agosto de 2021, as pessoas com processo pendentes não eram convocadas pelo antigo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF): era preciso ficar à espera que as vagas abrissem e marcar, sem aviso prévio e sem ordem cronológica. Por exemplo, um estrangeiro com processo em andamento há apenas um mês poderia conseguir uma vaga se estivesse *online* naquele momento, enquanto quem estava esperando há dois anos não tinha preferência.

Em uma das ocasiões, as 3,6 mil horários de entrevista esgotaram em poucos minutos. O sistema prejudicava quem não podia ficar no site do SEF a todo o momento na tentativa de conseguir uma marcação. Alguns imigrantes ficavam sem dormir, de olho no portal, esperando a vaga, que poderia aparecer a qualquer momento. Brasileiros criaram grupos em *apps* de troca de mensagens e redes sociais para "avisar" quando surgissem os horários para agendamento no site. O site também apresentava falhas e com frequência saía do ar quando as vagas eram lançadas.

Os imigrantes passaram a ser convocados, como ocorre até hoje, depois da pressão de imigrantes, principalmente brasileiros, por considerarem o sistema injusto com os trabalhadores. Na época, a brasileira Juliet Cristino liderou o movimento, com protestos na rua, petições e reuniões com o Governo, que acabou por aceitar a mudança.

> Apesar de o procedimento não estar concluído, a convocação das 110 mil pessoas representa uma diminuição nos cerca de 400 mil processos herdados pelo antigo SEF.

110 mil pendências a menos

Apesar de o procedimento não estar concluído, a convocação das 110 mil pessoas representa uma diminuição nos cerca de 400 mil processos herdados pelo antigo SEF. O DN Brasil sabe que a medida faz parte de um plano de médio prazo da agência para colocar os processos em dia e conseguir dar resposta aos imigrantes de maneira mais rápida.

A convocação dos estrangeiros ocorreu antes do fim da manifestação de interesse, anunciada há duas semanas pelo Governo. O DN Brasil também sabe que as duas situações não estão interligadas, tanto que, quando as críticas à AIMA começaram, o Ministério da Presidência divulgou uma nota em que considerou o pagamento antecipado da taxa como algo que "pode gerar situações social e economicamente difíceis". No mesmo documento, o Governo já antecipava que em breve anunciaria o novo plano para a imigração. Nas últimas duas semanas, depois de lançado, o tema continua na agenda do dia. O DN Brasil recebeu informações de leitores que passaram a ter dificuldade no acesso ao mercado de trabalho nos últimos dias. A justificativa dos patrões é de que, com as mudanças na área de imigração, não é mais possível contratar imigrantes que estão com manifestação de interesse em andamento.

No entanto, como consta no próprio decreto-lei, a medida não afeta os que estão com o pedido já entregue no sistema. Procurado pelo DN Brasil, o Ministério da Presidência reforçou o conteúdo do decreto-lei, de que o fim das manifestações de interesse nada muda em relação aos pedidos já submetidos no portal e que passarão por análise normalmente. **A. L.**

amanda.lima@dn.pt

BREVES

Arraial brasileiro em Braga

Nos dias 21, 22 e 23 de junho, Braga será a capital da festa junina ao melhor estilo brasileiro. Não vai faltar nada do que é típico para quem gosta das tradicionais festas de São João do Brasil: milho assado, paçoca, pastel e todas as demais comidas tradicionais, além de quadrilha, muito forró e até o casamento caipira. A estimativa é que 5 mil pessoas participem. A festa junina em Braga terá "tudo que uma festa junina brasileira tem". Até a decoração será especial: as bandeirinhas e tecidos de chita vieram diretamente do Ceará. A festa também conta com um patrono especial: Bemvindo Sequeira, humorista e o primeiro ator registrado no Brasil. O evento será no Jardim dos Coimbras, no centro de Braga, a partir das 20h. Os bilhetes estão à venda na internet, com custo de 1,99 euros por noite ou 3,99 euros para as três noites. O DN Brasil estará presente no evento.

Jantar Brasil Global

O DN Brasil e o Cícero Bistrot vão na última semana de junho promover uma discussão sobre desinformação e democracia. O convidado para falar do assunto será o brasileiro Marco Aurelio Ruediger, diretor da Escola Comunicação da Fundação Getulio Vargas (FGV). O objetivo do DN Brasil e do Cícero Bistrot é promover discussões que unam Brasil e Portugal, como a troca de experiências e boas práticas, como é o caso do combate à desinformação e a o papel do jornalismo nas democracias.

DN BRASIL
É um suplemento do DN que circula todas as primeiras segundas de cada mês, um *site* com atualização diária e páginas de atualidade no DN, sempre escrito em português do Brasil.

ANDRÉ VIDIGAL/GLOBAL IMAGENS

A oferta de garagens e lojas para venda está concentrada nas grandes cidades do país.

Procura de garagens e lojas para habitação dispara com Simplex dos licenciamentos

IMOBILIÁRIO Solução habitacional mais económica está a atrair os portugueses, mas a oferta é escassa, dizem as mediadoras imobiliárias. Setor considera que a reconversão de imóveis é insuficiente para mitigar uma crise complexa.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

A possibilidade de reconversão de garagens ou lojas para uso habitacional de forma simplificada fez disparar a procura por estes imóveis. Logo após a publicação do Simplex dos licenciamentos urbanísticos, em janeiro deste ano, as mediadoras imobiliárias registaram um forte aumento de pedidos por estes espaços. A escassez de casas no mercado, a que acresce os elevados preços, estão a levar os portugueses a procurar soluções alternativas de habitação. Mas também neste nicho há mais demanda do que oferta.

Entre fevereiro e abril, a RE/MAX sinalizou um aumento de 8,2% na procura de garagens, de 7,6% de lojas e de 1,1% de armazéns face aos três meses anteriores à publicação do Decreto-Lei n.º 10/2024 (outubro a dezembro). Segundo Manuel Alvarez, presidente da rede em Portugal, a RE/MAX "recebia, em média, 1921 pedidos por mês de lojas nos três meses anteriores ao diploma, mas nos três meses seguintes o número de pedidos ultrapassou os dois mil mensais, estando, em média, nos 2067 por mês". Mesmo em janeiro chegou aos 2375 pedidos. "Se nos restringirmos apenas aos negócios de compra/venda, a procura de lojas aumentou 18,4% entre os dois períodos e no conjunto dos três tipos de imóveis situou-se nos 14%", revela ainda.

Rui Torgal, CEO da Era, reconhece "um evidente aumento de procura por este tipo de imóveis desde o início do ano", que parece evidenciar "uma relação entre a criação e consequente entrada em vigor [em março] do Simplex para a habitação". Nos primeiros cinco meses deste ano a Era Portugal registou "um incremento de 84% nas vendas reportadas de garagens, 172% nas lojas e 158% de armazéns" face ao mesmo período de 2023. Como justifica, se juntarmos à crise que o país atravessa no setor da habitação "uma lei que facilita a transformação de garagens, lojas e armazéns em habitação, julgo que temos o cenário perfeito para que a procura por este tipo de imóveis acabe por aumentar".

A procura prende-se com "uma questão de preço", diz Marco Tairum, CEO da Keller Williams Portugal. "Garagens, armazéns e, em alguns casos, também lojas e escritórios têm um preço por metro quadrado mais atrativo do que o imóvel destinado a habitação." No entanto, nesta fase a procura está a ser mais impactada pela possibilidade de reconversão dos espaços em habitação do que pelos proprietários desses imóveis, considera. Prova disso é que este ano o número destes espaços para venda na KW é idêntico ao de 2023, cerca de 800. Já a Era registou um aumento homólogo de 30% nas angariações de garagens nos primeiros cinco meses deste ano, mas uma quebra de 30% na captação de espaços comerciais e de 25% de armazéns.

> Nos primeiros cinco meses deste ano, a Era Portugal registou "um incremento de 84% nas vendas reportadas de garagens".

Uma gota no oceano

A RE/MAX também verificou um aumento da oferta, "mas não tão significativa quanto desejável". Segundo Manuel Alvarez, considerando todos os tipos de imóveis e de negócios, "a oferta da rede aumentou 8,1% entre fevereiro-abril 2024 face a outubro-dezembro 2023", mas nas garagens, lojas e armazéns "para negócios de compra/venda não superou os 1%". No final de maio, a carteira da imobiliária destes três tipos para venda rondava as quatro mil unidades, enquanto em finais de dezembro de 2023 pouco ultrapassava as 3900. Na Century 21 a oferta deste tipo de imóveis em comercialização aumentou desde janeiro cerca de 10% comparativamente com o mesmo período do ano passado – contudo, representa apenas 6,5% da carteira, revela o CEO, Ricardo Sousa. Neste momento a rede tem 951 espaços deste género à venda.

A oferta está concentrada nas grandes cidades. Na RE/MAX 8,6% destes imóveis estão no concelho de Lisboa, 5,1% em Sintra, 3% em Braga, 2,8% em Guimarães, 2,7% em Oeiras e 2,3% no Porto. Na Era, são as duas maiores metrópoles do país que agregam mais oferta, mas Leiria destacou-se como a cidade com mais angariações de garagens nos últimos cinco meses. Também a KW conta mais anúncios nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto e na ilha da Madeira. Apesar deste movimento na procura e na oferta, ainda não é possível atestar se estes imóveis que podem ser transformados em casas são para habitação própria ou para negócio, aponta Rui Torgal.

Com as novas regras do licenciamento urbanístico é possível a reconversão de imóveis para uso habitacional de espaços qualificados para equipamentos, comércio e serviços. Os interessados têm apenas de comunicar previamente a sua intenção à autarquia, que tem 20 dias para responder ou iniciar o processo de vistoria. Esta possibilidade que surge com o Simplex afigura-se "um contributo positivo para todos os cidadãos que pretendam ter uma habitação própria a preços mais acessíveis", mas "nunca será a solução para a crise" de habitação que o país atravessa, considera.

"É uma gota no oceano", diz Marco Tairum, que também aponta dificuldades na conversão destes imóveis em habitações. Como exemplifica, "se estivermos perante uma loja de 300 m² que só tenha uma vitrina, não se poderá criar divisões, uma vez que todos os quartos precisam de ter luz natural". Segundo Manuel Alvarez, "a reconversão não é nem será suficiente" para resolver a elevada escassez de oferta de habitações, "é apenas parte de uma solução complexa". Por sua vez, Ricardo Sousa lembra que o problema "exige soluções tanto estruturais quanto temporárias", que passam pela revisão das políticas regulatórias, a flexibilização das limitações de ocupação dos solos e das densidades urbanísticas (incluindo construção em altura), a adoção de métodos construtivos mais eficientes e sustentáveis, entre outras.

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt

Cimeira sem unanimidade abre caminho para negociar com Rússia

UCRÂNIA Volodymyr Zelensky diz que encontro foi um sucesso e aponta para a realização de uma segunda cimeira. Países reafirmaram compromisso com a soberania territorial de Kiev.

TEXTO **ANA MEIRELES**

URS FLUELER

A presidente da Suíça, Viola Amherd, e o líder da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, fizeram um balanço positivo da cimeira.

A maioria dos líderes dos mais de 90 países presentes na cimeira sobre a paz na Ucrânia apoiaram ontem a independência e integridade territorial de Kiev, assim como a necessidade de eventuais conversações com a Rússia sobre o fim da guerra, mas deixaram por resolver questões sobre como e quando. O comunicado final falhou a unanimidade, tendo sido endossado por 83 países e organizações presentes, ficando de fora alguns que mantêm laços estreitos com Moscovo, como a Índia, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, saudou o "sucesso" diplomático do evento, marcado pela ausência da Rússia, e afirmou que o caminho está aberto para uma segunda cimeira de paz, com vista a acabar com a guerra com uma solução justa e duradoura. No entanto, referiu que "a Rússia e a sua liderança não estão preparadas para uma paz justa". "A Rússia pode iniciar negociações connosco ainda amanhã, sem esperar por nada, se deixarem os nossos territórios", afirmou. Moscovo reforçou ontem a sua exigência de rendição efetiva de Kiev como ponto de partida para as negociações. "Alcançar a paz requer o envolvimento e o diálogo entre todas as partes", refere o comunicado final da cimeira.

Zelensky apelou ainda a Pequim, que se recusou a enviar uma delegação devido à ausência da Rússia, para se envolver seriamente nas propostas de paz em desenvolvimento. "A China poderia ajudar-nos", disse, acrescentando que "a Ucrânia nunca disse que a China é nossa inimiga", embora tenha laços estreitos com o Kremlin.

O documento também reafirma o compromisso com a "soberania, independência e integridade territorial de todos os Estados, incluindo a Ucrânia, dentro das suas fronteiras internacionalmente reconhecidas".

> Zelensky disse que a Rússia não está preparada para uma paz justa, mas garantiu que pode negociar a paz amanhã se aquele país se retirar da Ucrânia.

Embora a declaração comprometesse os países a darem "passos concretos" no futuro para "um maior envolvimento dos representantes de todas as partes", a forma de trazer a Rússia para o processo permaneceu obscura. A presidente suíça, Viola Amherd, anfitriã da cimeira, admitiu que "o caminho a seguir é longo e desafiador". Já o Canadá, anunciou o primeiro-ministro, Justin Trudeau, tenciona receber nos próximos meses uma reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros para discutir o custo humano desta guerra.

De notar que o comunicado final foi apoiado por 83 países e organizações dos 100 que estavam inscritos, com Arménia, Bahrain, Índia, Indonésia, Líbia, México, Arábia Saudita, África do Sul, Tailândia e Emirados Árabes Unidos a não subscreverem o documento.

As discussões da cimeira tiveram como enquadramento áreas comuns entre o plano de paz de 10 pontos de Zelensky, apresentado no final de 2022, e uma resolução da ONU de 2023 sobre a guerra, que passou com o apoio de 141 países. A Suíça estabeleceu um mandato rigoroso na tentativa de angariar o mais amplo apoio, tendo centrado as conversações deste domingo na segurança alimentar e na liberdade de navegação no mar Negro; segurança e proteção nuclear para reduzir o risco de um desastre, e questões humanitárias, incluindo o regresso de crianças deportadas ou prisioneiros de guerra.

No comunicado final foi referido que qualquer ameaça ou uso de armas nucleares na guerra era "inadmissível" e defendido que a Ucrânia tenha "controlo soberano total" da central nuclear de Zaporíjia, a maior da Europa e atualmente controlada pela Rússia. Sobre o comércio alimentar e agrícola, concluiu-se que "a segurança alimentar não deve ser transformada em arma de forma alguma. Os produtos agrícolas ucranianos devem ser fornecidos livremente e de forma segura a países terceiros interessados".

A declaração apela igualmente a uma troca completa de prisioneiros de guerra e ao regresso à Ucrânia de "todas as crianças deportadas e deslocadas ilegalmente" e de outros civis ucranianos detidos ilegalmente.

ana.meireles@dn.pt

> *"[Vladimir Putin] insiste em desarmar a Ucrânia, deixando-a vulnerável a futuras agressões, e nenhum país aceitaria estas condições ultrajantes."*
>
> **Ursula von der Leyen**
> *Presidente da Comissão Europeia*

> *"As consequências da invasão vão muito além dos limites da Europa. Na verdade, em muitos aspetos África tem sido a maior vítima."*
>
> **Nana Akufo-Addo**
> *Presidente do Gana*

Opinião
Rita Faden

Legislators' Dialogue: por uma comunidade mais organizada e mais representada politicamente

De Nova Iorque ao Havai, passando pela Califórnia e Boston, os cerca de 1,4 milhões de luso-descendentes nos Estados Unidos representam-nos diariamente numa das mais antigas, mais diversas e histórica e culturalmente relevantes comunidades da diáspora portuguesa.

É uma comunidade muito ativa na preservação dessa memória e identidade, com forte ligação a Portugal, e que conta atualmente com 40 políticos eleitos para o Congresso dos Estados Unidos e várias assembleias estaduais espalhadas por todo o país.

A relação com esta comunidade – presente em todos os setores da sociedade americana – é central na nossa missão de desenvolvimento de Portugal através da cooperação com os Estados Unidos.

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) organiza, nos dias 17 e 18 de junho, o VIII Legislators' Dialogue, um encontro anual que reúne em Lisboa políticos luso-descendentes eleitos nos EUA a nível federal e estadual para conhecerem a nossa realidade política, económica, social e cultural.

Com esta iniciativa temos criado um espaço de diálogo aberto e de comunidade que se concretiza em duas dimensões.

Desde logo, no diálogo entre os próprios legisladores americanos. Reunir no mesmo espaço representantes de diferentes Estados e de diferentes partidos políticos tem permitido que estes líderes se conheçam, conversem e daí nasçam verdadeiras amizades e cumplicidades políticas, em que o sentimento de comunidade se revela mais forte do que a afinidade política, mesmo num contexto de forte polarização.

A segunda dimensão é a do diálogo entre Portugal e a diáspora nos Estados Unidos. Portugal é hoje um país moderno e capaz também de contribuir com soluções.

Um exemplo disso foi a participação do diretor-geral do SICAD, João Goulão, no Legislators' Dialogue em 2022, onde deu a conhecer a experiência portuguesa na descriminalização do consumo de drogas. O interesse da delegação pelo caso português levou, um ano depois, a FLAD a organizar, em parceria com legisladores estaduais de Rhode Island e de Massachusetts, um fórum dedicado à apresentação do conceito e da aplicação concreta da política portuguesa, que contou ainda com representantes da PJ, PSP e do Centro de Atendimento de Toxicodependentes das Taipas.

> **Testemunhar como se mantém viva a ligação, o interesse e o amor por Portugal, mesmo no caso de famílias que saíram do nosso país há cinco gerações, maioritariamente dos Açores, é comovente e faz-nos refletir sobre a nossa própria ligação.**

A partir desta segunda-feira recebemos 19 legisladores de cinco Estados, que terão a oportunidade de contactar com personalidades da política portuguesa, como o Presidente da República, o ministro dos Negócios Estrangeiros, o presidente da Câmara de Lisboa e o líder da oposição, o secretário-geral do Partido Socialista.

No ano em celebramos 50 anos do 25 de Abril iremos também dar a conhecer este período da nossa história e o caminho para a democracia em Portugal. Vamos falar ainda da relação comercial entre Portugal e os EUA e sobre como atrair investimento estrangeiro.

Testemunhar como se mantém viva a ligação, o interesse e o amor por Portugal, mesmo no caso de famílias que saíram do nosso país há cinco gerações, maioritariamente dos Açores, é comovente e faz-nos refletir sobre a nossa própria ligação. E perceber como isso se faz de tantas formas diferentes, das mais evidentes, que passam pela música, pelo futebol e pela comida, mas também pelo que de mais moderno e novo Portugal tem.

Na FLAD, vamos continuar a seguir este caminho de promoção do diálogo e de forte empenho no desenvolvimento de uma comunidade luso-americana com maior representação e mais organizada politicamente, para que melhor possa defender os seus interesses e valorizar a nossa língua, cultura e história.

Presidente da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).

Netanyahu rejeita pausa humanitária

O gabinete do primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, esclareceu ontem que os combates em Rafah continuarão conforme planeado, após o anúncio militar de uma "pausa tática" da atividade militar. "Quando o primeiro-ministro ouviu relatos sobre uma pausa humanitária no combate durante 11 horas por dia, disse ao seu secretário militar que isso é inaceitável. Uma vez esclarecida a situação, foi comunicado ao primeiro-ministro que não há mudanças na política das Forças de Defesa de Israel (IDF) e que os combates em Rafah continuarão conforme planeado", pode ler-se num comunicado.

Horas antes, o Exército tinha anunciado o estabelecimento de uma "pausa tática" da atividade militar desde a passagem de Kerem Shalom (sul), ao longo da autoestrada Salah al Din até ao Hospital Europeu Khan Yunis, de forma a permitir a entrada e distribuição de mais ajuda humanitária. As IDF disseram que a pausa iria começar na área de Rafah às 8h00 (6h00 em Lisboa), permanecer em vigor até as 19h00 locais e ser repetida todos os dias até novo aviso. A medida, que estava a ser coordenada com a ONU, visava permitir que os camiões de ajuda consigam viajar em segurança e entregar mantimentos a todas as partes de Gaza, disseram as IDF.

Após este anúncio, o ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben Gvir, manifestou-se contra qualquer "trégua tática".

A ofensiva de Israel contra o Hamas mergulhou Gaza numa crise humanitária, com a ONU a dar conta de fome generalizada no território e levando a comunidade internacional a instar Telavive a fazer mais para aliviar a crise.

Entre 6 de maio a 6 de junho a ONU recebeu uma média de 68 camiões de ajuda por dia.

DN/LUSA

BREVES

Ascensão da China preocupa líder de Taiwan

O presidente Lai Ching-te alertou ontem os cadetes da academia militar de Taiwan que o seu maior desafio é "a forte ascensão da China", que, segundo o dirigente, está a considerar a "eliminação" da ilha autogovernada como uma causa nacional.
A China reivindica Taiwan como parte do seu território e os líderes chineses intensificaram a sua retórica nos últimos anos para sugerir que a "unificação" é uma "inevitabilidade".
Pequim também intensificou as pressões militares, lançando recentemente jogos de guerra que cercaram a ilha com aviões e navios dias depois de Lai tomar posse.
No seu discurso, Lai referiu que professores e cadetes devem reconhecer "os desafios e missões da nova era". "O maior desafio é enfrentar a forte ascensão da China, que vem destruindo o *statu quo* no estreito de Taiwan", afirmou.

Conservadores de Rishi Sunak em queda

Três sondagens divulgadas este fim de semana mostram um cenário sombrio para o Partido Conservador do primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak, nas eleições gerais de 4 de julho. Um estudo de opinião da Savanta para o *Sunday Telegraph*, feito entre os dias 12 e 14, aponta para 46% de apoio aos trabalhistas de Keir Starmer, uma subida de 2 pontos em relação à sondagem da semana anterior, enquanto o apoio aos conservadores caiu 4 pontos, para 21%.
Uma outra sondagem, feita pela Survation para o *Sunday Times* entre 31 de maio e 13 de junho, dá 40% das intenções de voto ao *labour* e 24% para os *tories*.
O terceiro estudo de opinião, publicado pelo *Observer* e feito pela Opinium entre os dias 12 e 14, dá 40% das intenções de voto aos trabalhistas, com os conservadores, no poder há 14 anos, a surgirem com 23%.

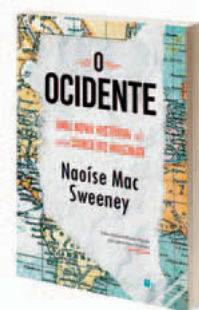
A Acrópole, em Atenas, símbolo da Grécia Clássica.

LEONEL DE CASTRO/GLOBAL IMAGENS

Naoíse Mac Sweeney

“Precisamos de nos sentir confortáveis em pensar no Ocidente como plural”

SURPREENDENTE A historiadora britânica Naoíse Mac Sweeney decidiu reinterpretar o conceito de Ocidente através de 14 figuras, que vão do grego Heródoto à chinesa Carrie Lam, ex-chefe do governo de Hong Kong. Não incluiu neste seu *O Ocidente* (Desassossego) nenhum português, mas admite que Vasco da Gama chegou a ser uma séria hipótese.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

O OCIDENTE
Naoíse Mac Sweeney
Desassossego
352 páginas
21,10 euros

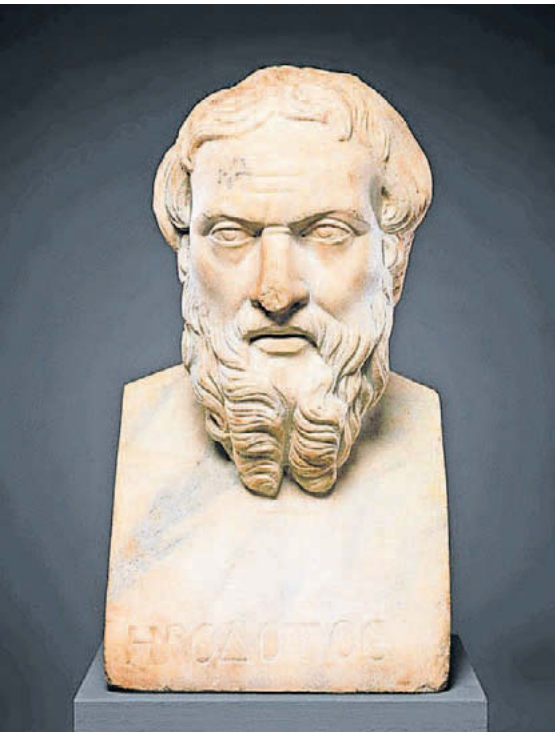
Para mim, a personalidade mais surpreendente que escolheu para retratar neste livro sobre o Ocidente foi Njinga. O que mais a impressionou nesta angolana?
A história de Njinga é incrivelmente poderosa, pois obriga-nos a repensar os nossos pressupostos sobre vários temas – não apenas o processo do imperialismo europeu, que a história de Njinga demonstra ser mais complexo e menos linear do que poderíamos esperar, mas também o género e o papel das mulheres na história. Fiquei particularmente atraída por Njinga porque tinha uma personalidade complexa. Ela é, obviamente, uma heroína nacional e um símbolo da independência angolana, mas é também uma personagem profundamente perturbadora, que, obviamente, também se envolveu em violência e em táticas duras para ganhar e manter o poder.

É neste capítulo dedicado a Njinga que dá alguma atenção aos portugueses na história do Ocidente. Poderia Vasco da Gama ter sido um dos biografados?
Sim, Vasco da Gama teria sido uma biografia fascinante de escrever e de ler. Na verdade, ele estava na longa lista de opções que estive a considerar. Mas tive que reduzir a lista.

Há outra figura que me surpreende, a otomana Safiye Sultan, mãe e avó de sultões. Foi o Império Otomano, curiosamente criado pelos turcos oriundos das estepes asiáticas, o mais europeu, ou o mais ocidental, de todos os impérios islâmicos?
Em termos geográficos, os reinos islâmicos do Norte de África e da Andaluzia situavam-se a oeste dos otomanos. Mas o Império Otomano pode ter sido o mais “ocidental” no sentido cultural. Houve muita interação com a Europa Central e Oriental em particular e

“Vasco da Gama teria sido uma biografia fascinante de escrever e de ler. Na verdade, ele estava na longa lista de opções que estive a considerar. Mas tive que reduzir a lista.”

Naoíse Mac Sweeney
Historiadora e arqueóloga britânica

DANIEL SUEN / AFP

O grego Heródoto, a otomana Safyie Sultan, a angolana Njinga e a chinesa Carrie Lam são quatro dos biografados.

muitas ligações diplomáticas entre os otomanos e várias potências europeias.

Seis mulheres entre 14 figuras históricas biografadas é raro. Fez um esforço deliberado para o equilíbrio de género no livro ou as mulheres, por algum motivo, de Livila a Carrie Lam, facilitam a explicação de uma época?

Sim, fiz um esforço deliberado para conseguir algo mais próximo do equilíbrio de género. Senti que era importante olhar para pessoas que teriam perspetivas e posições diferentes na sociedade – homens e mulheres; não apenas a realeza e a nobreza, mas também pessoas mais modestas, que viviam noutras parcelas da escala socioeconómica, e, claro, pessoas de várias partes do mundo, tanto ocidentais como não ocidentais. Achei que isso era importante para dar uma amplitude de perspetivas.

Começar com Heródoto é reconhecer implicitamente que sem os gregos não se pode sequer imaginar o Ocidente?

Isso está absolutamente correto. É um argumento central do livro que todo o conceito de Ocidente se baseia nas suas origens imaginadas na Grécia Antiga, seguida por Roma. Uma parte central de imaginar o Ocidente e a sua envolvência é imaginar o seu nascimento no mundo clássico.

Falamos do Ocidente, também do Oriente, e hoje até do Sul global. Usar pontos cardeais para definir civilizações é um erro?

Não é um erro desde que tenhamos clareza sobre o que queremos dizer. O problema é que os pontos cardeais são naturalmente relativos. Istambul pode estar a leste de Londres, mas fica a oeste de Pequim.

O Ocidente é mais uma ideia do que uma geografia? A Nova Zelândia e a Austrália fazem sentido como países ocidentais?

Isso é absolutamente verdade – o Ocidente é um conceito e a geografia é apenas uma parte deste conceito. Muito mais importante, defendo no livro, é a ideia de uma herança cultural partilhada – uma herança que começa nos mundos clássicos da Grécia e de Roma, que continua na Idade Média europeia e no Renascimento e avança até à modernidade atlântica.

A ausência de uma personalidade russa nas biografias que fez tem uma interpretação política que pode ser relacionada com a atualidade?

Considerando a atualidade, se eu escrevesse este livro novamente, incluiria um russo. Na época, decidi escrever sobre a China, porque é algo que conheço mais pessoalmente. A minha mãe é chinesa e a minha irmã mora atualmente na China. A China, portanto, parecia uma escolha óbvia.

Carrie Lam foi uma antiga chefe do governo de Hong Kong, cidade chinesa ligada à cultura ocidental por século e meio de colonização. Podem o Ocidente e o Oriente cooperar ou terão de se opor?

Durante algum tempo a China e o Ocidente conseguiram uma relação cuidadosamente equilibrada que envolveu uma oposição conceptual e também alguma oposição em termos de retórica política; mas, na realidade, das relações económicas, comerciais e culturais estava a abrir-se a mais interação. Esta situação parece menos firme, no entanto, à medida que a retórica de oposição se torna mais feroz. Espero que possamos voltar a uma situação em que a realidade das interações seja novamente mais tranquila e fácil.

Os Estados Unidos são o extremo Ocidente. É um tipo diferente de Ocidente?

Os Estados Unidos impulsionam grande parte da agenda ocidental hoje e são certamente muito proeminentes na geopolítica global. No entanto, o Ocidente parece diferente onde quer que se esteja no mundo. Na Áustria, onde vivo e trabalho agora, a noção de Ocidente é bastante distinta – a Europa Central tem uma história e uma perspetiva política diferentes da Europa Ocidental e também diferente dos Estados Unidos. Precisamos de nos sentir confortáveis em pensar no Ocidente como plural.

Opinião
Eugénio Viassa Monteiro

Índia, onde o Governo se poderia focar

1 Ao pensar no desenvolvimento de um país é preciso encará-lo na continuidade em que o país se vai construindo, com atenção aos sectores tidos como prioritários. A Índia tem vindo a fazer bons progressos como indico a seguir:

-Nas **Tecnologias** que a Índia domina está a Tecnologia de Informação, para o desenvolvimento de software e o BPO, destinado a países desenvolvidos. Atualmente a Índia exporta mais de 157 mil milhões de dólares e ocupa 5,4 milhões de especialistas.

-Estão as Telecomunicações onde a Índia conta mais 1180 milhões de linhas de rede móvel e fixas ativas (2022). Trabalham nelas mais de 5 milhões de especialistas directos e indirectos.

O domínio das TI fez as empresas avançarem na digitalização e daí para a AI, ML, robótica, IoT, etc. Especial referência às mais de 1600 GCC-Global Capability Centres que se instalaram na Índia, esperando-se outros 400 em breve. Eles irão ocupar cerca de 2 milhões de especialistas produzindo quase $60/80 mil milhões de dólares, em 2025.

Os GCC são Centros de excelência das MNC-Companhias Multinacionais para fornecer serviços técnicos, R&D, engenharia, apoio de TI e BPO, para desenvolver soluções inovadoras e boas práticas de negócio. A Índia é ideal para as MNC instalarem os seus GCC, por encontrarem técnicos muito especializados.

Em todos estas tecnologias deve-se continuar a manter uma posição de vanguarda para criar muito mais trabalho e empregar toda a juventude talentosa que a Índia forma nas suas seletas e prestigiosas Instituições de Ensino (os IIT, os IIM, os Medical Colleges, etc.).

A Índia é 3.º país em número de startups, contando 107 unicórnios (em Maio de 24; unicórnio diz-se da empresa avaliada em mais de $1bn). As startups criam trabalho, algumas delas abundante, ligado com a indústria, como é o caso da Lenskart (óptica) e a Nykaa (produtos de beleza).

2 **Indústria manufactureirae postos de trabalho**

A indústria farmacêutica, têxtil, de sapatos, fabricação e montagem de artigos electrónicos, Joalharia e diamantes, de energias renováveis, automobilística, estão a funcionar bem e o sistema de PLI- Incentivos Ligados à Produção, concedidos a algumas indústrias talvez se deva ampliar a outras que necessitem de muita mão-de-obra (Até novembro de 2023 o PLI tinha criado 0,6 milhões de postos diretos e indirectos).

As necessidades da Índia são muito elevadas, da ordem dos 10 milhões por ano. Daí, que o desemprego na Índia, sobretudo entre os jovens seja alto. Faltam muitas indústrias que empreguem mão-de-obra semi-qualificada.

3 **A Agricultura** tem tido um crescimento regular, com êxito na produção de alimentos, tendo exportado mais de 22 milhões de toneladas de cereais no último ano. A produção de cereais tocou os 330,5 MT em 2022-23 e a Índia é o segundo maior produtor. É também o segundo produtor de fruta, vegetais, chá, algodão, peixe de aquacultura, cana-de-açúcar, trigo, arroz e açúcar.

A Índia é o maior produtor de leite, tendo passado de uma produção irrisória e desorganizada nos anos de colonização a ser um país de cooperativas de leite. Desde 1997 é produtor n.º1. Hoje representa 24% da produção mundial. No ano 2022 foi de 221 MT.

A **Pesca** é um sector económicos importantes, contribuindo para 1,07% do PIB. Dá trabalho a 28 milhões e conta com 7,96% da produção global de peixe. É o segundo maior produtor de peixe de aquacultura. A produção total em 2020/21 foi de 14,73 MT; 11,25 MT da pesca dos rios e de aquacultura e 3,48 MMT do mar.

Cerca de 40% da mão-de-obra ativa está no sector primário.

Não há impostos sobre os rendimentos da agricultura. Talvez porque na época da independência a Índia precisasse de produzir alimentos, ao ser um país arruinado, tendo que importar milhões de toneladas de cereais para a sua população que sofrera severas fomes no domínio colonial. Em particular no ano 1943 quando o PM era Churchill, morreram de fome entre 1 a 4 milhões no Bengala Ocidental.

Para facilitar o aumento da produção ter-se-ia isentado de impostos, continuando por inércia até aos dias de hoje, independentemente de ser produzida por micro ou macro-empresas.

Na agricultura haveria que repensar todo o sistema de apoio ao produtor, criando uma infra-estrutura mais capilar para o transporte dos produtos, uma rede ampla de frio, e o fomento de Cooperativas e Associações de produtores, bem como esquemas ágeis de financiamento, em ligação com os organismos associativos dos agricultores, etc.

Há uma boa experiência de Cooperativas e de algumas Associações de Agricultores, que mereciam ser muito expandidas apoiando o lançamento de novas em cada um dos Estados.

Importa incentivar a indústria transformadora da Agricultura e Pescas. A natureza é muito pródiga e há variedade de vegetais, de fruta e pesca que merecem ser colhidos, tratados e feitos em conserva, para chegarem a todos os recantos do país e serem exportados. Já começa a haver uma boa experiência de exportação de produtos agrícolas para países ricos.

4 A par dos aspectos muito positivos antes mencionados continua muita pobreza visível e fome, com a qualidade de habitação dos mais pobres a merecer urgente atenção, para ter as condições mínimas de dignidade.

Os desequilíbrios na posse da riqueza são impressionantes e crescentes. Em 2023, os cidadãos mais ricos possuíam 40,1% da riqueza do país, a mais elevada desde o ano 1961 (citado num estudo de Nitin Kumar Bharti e Thomas Piketty, 20 Mar 2024). (Os mais ricos constituiriam 1% da população).

Seria um tema a merecer atenção, para ver como os levar a investir em actividades criadoras de muito emprego, se é que já não o fazem.

Também deveria pensar-se em sistemas, como nos países desenvolvidos, como ºe um significativo imposto sobre as heranças, coisa que não existente na Índia.

Os desequilíbrios na posse da riqueza são impressionantes e crescentes. Em 2023, os cidadãos mais ricos possuíam 40,1% da riqueza do país, a mais elevada desde o ano 1961 (citado num estudo de Nitin Kumar Bharti e Thomas Piketty, 20 Mar 2024).

A Lista HURUM de ultra ricos da Índia apontava para 1,319 fortunas de 120 ou mais milhões de dólares.

5 **Educação.** Importante ver quanto a Índia já faz em matéria de educação. Contudo, pode ainda dar um salto notável de qualidade em todos os níveis. A educação é a base da preparação da juventude para a sua actividade profissional futura. Os primeiros anos de instrução são importantes para se ajudar a pensar correctamente, a ler e escrever. Deveria ser uma prioridade a qualidade da educação, seguindo os bons exemplos que já deram provas na Índia. O sistema da educação de Delhi, muito falado, com bons resultados no aproveitamento dos jovens, aliado ao novo modelo de educação na Índia, combinado com o ensino técnico, poderá ser importante para se formar os técnicos necessários para o crescimento esperado da Índia, ao mesmo tempo que poderá dar melhores remunerações.

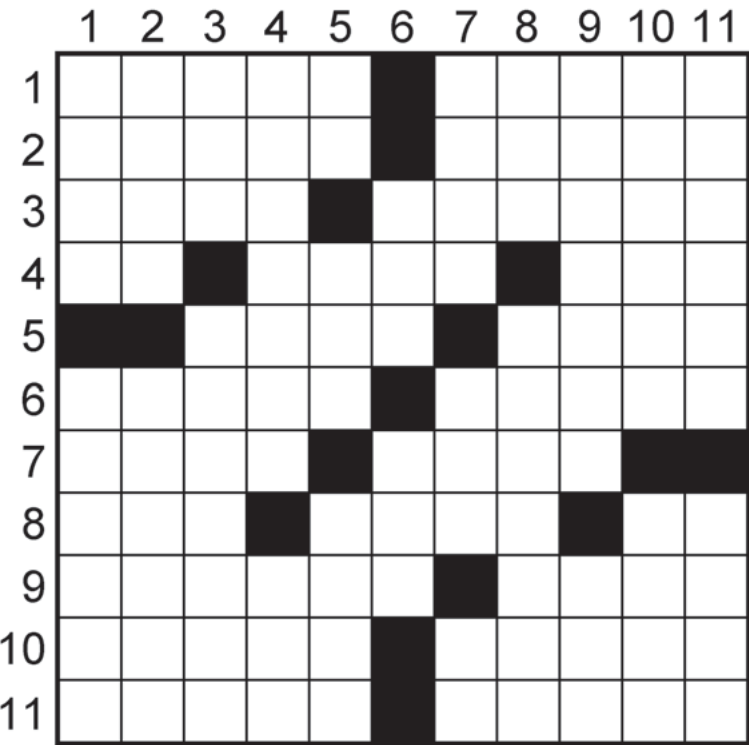
6 **Acesso aos cuidados de saúde.** Eles devem estar acessíveis, para os problemas imediatos de debelar uma febre ou dores, de diarreias, etc. Eles podem ser dispensados nos Centros de saúde, espalhados pelo país.

Ocorre-me sugerir o modelo das Mohalla Clinics (MC), de Delhi, os centros de proximidade, abertos das 8,00 as 14 horas, uns, e outros em dois turnos, das 7 da manhã até as 7 da tarde. tendo disponível um médico, uma enfermeira, um farmacêutico e um assistente. Há na cidade de Delhi 518 MC em funcionamento. Com acesso a variados tipos de diagnóstico e mais de 100 medicamentos fornecidos gratuitamente. O modelo já funciona em mais outros 7 Estados da Índia.

A Índia tem atualmente 704 Colleges de Medicina, com 108.000 estudantes a entrar em cada ano, e mais de 67,800 a fazerem o seu curso de pós-graduação ou doutoramento. O crescimento tem sido notável e vale a pena insistir na qualidade do ensino e na dedicação dos Professores.

Além da criação de Colleges há ainda muito para completar a preparação dos médicos para o seu exercício profissional, com estágios hospitalares que ajudem no exercício desde o momento da sua formatura.

Professor da AESE-Business School, do I.I.M. Rohtak (India), autor do livro "O Despertar da India"

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Significar. Querida. **2.** Jornada. Confusão de vozes ou de línguas (figurado). **3.** Nada. As folhas ou agulhas do pinheiro. **4.** Alternativa. Inferior. Ruído. **5.** Antes da ocasião própria. Espreita. **6.** Auxílio. Tornar côncavo. **7.** Que parece bom, mas não o é. Mercadoria que não tem venda. **8.** Vazio. Perspicácia (figurado). Plural (abreviatura). **9.** Pedra de cantaria comprida e estreita, empregada em peitoris, nesgas de janelas, resguardo de estradas, etc. Pez (alcatrão). **10.** Representação mental. Dobra feita num tecido. **11.** Ir rodando. Despontar no horizonte.

Verticais:
1. Hábito mau. Pôr fora de uso. **2.** Aquele que nega a existência de Deus. Transgressão de preceito religioso. **3.** Casa de habitação. Oficial superior do exército ou da força aérea. **4.** Poema em que se narram feitos destemidos e grandiosos. Serviços Secretos dos EUA. **5.** Rádio (símbolo químico). Passado. Dar crédito. **6.** Faço passar por um filtro. Erradamente. **7.** Guarnecer com abas. Opinião política (figurado). Presidente da República (abreviatura). **8.** Oceano. Movimento imprimido a um veículo ao conduzi-lo. **9.** Impróprio. Soberano. **10.** Dilação. Pequeno pano ou tecido para tirar os tachos e panelas do lume. **11.** Cordão de metal ou de requife que guarnece ou abotoa a frente do vestuário. Luz da Lua.

SUDOKU

		5						
	6	9	8				3	5
	8			1			7	
	7			8		5	1	
5		6	2					4
				5	1			6
3		1		6		9		
						3		1
9			1	4	3			

SOLUÇÕES

1	3	5	9	7	6	4	8	2
7	6	9	8	2	4	1	3	5
2	8	4	3	1	5	6	7	9
4	7	2	6	8	9	5	1	3
5	1	6	2	3	7	8	9	4
8	9	3	4	5	1	7	2	6
3	2	1	5	6	8	9	4	7
6	4	8	7	9	2	3	5	1
9	5	7	1	4	3	2	6	8

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Valer. Amada. 2. Etapa. Babel. 3. Zero. Caruma. 4. Ou. Pior. Som. 5. Cedo. Mira. 6. Apoio. Cavar. 7. Bera. Mono. 8. Oco. Faro. Pl. 9. Lancil. Breu. 10. Ideia. Prega. 11. Rolar. Raiar.
Verticais:
1. Vezo. Abolir. 2. Ateu. Pecado. 3. Lar. Coronel. 4. Epopeia. CIA. 5. Ra. Ido. Fiar. 6. Coo. Mal. 7. Abar. Cor. PR. 8. Mar. Manobra. 9. Abusivo. Rei. 10. Demora. Pega. 11. Alamar. Luar.

Uma incógnita chamada República Checa. Agressiva, resiliente mas limitada

ADVERSÁRIO "Um Portugal fiel ao seu jogo, assente num grande volume de posse de bola, vai criar-lhes muitos problemas", diz o treinador português do Znojmo, Rui Amorim, sobre o jogo de estreia da equipa de Roberto Martínez (amanhã, às 20.00, em Leipzig).

TEXTO **NUNO COELHO**

Tomás Soucek, jogador do West Ham, é o capitão da República Checa, uma seleção que tem a sua "grande mais-valia na atitude competitiva".

A história do futebol checo (e checoslovaco) está repleta de grandes nomes e algumas proezas. De Josef Masopust (figura da seleção que chegou à final do Mundial'62, repetindo o feito de 1938) a Antonín Panenka (ainda hoje recordado pela forma como marcou o penálti decisivo no desempate da final do Euro'76), até a gerações mais recentes já separadas dos "irmãos" eslovacos, que incluem nomes como os de Poborský, Rosický, Baros, o gigante Koller, Patrick Berger, Smicer, Petr Cech e Pavel Nedved, talvez o melhor e mais completo da fase moderna, não faltam nomes facilmente reconhecidos por todos os que seguem a modalidade.

Já não será tanto assim com o conjunto que esta terça-feira, em Leipzig, será o primeiro opositor da seleção nacional no Euro 2024: grande parte dos convocados jogam na Liga interna. "Penso que o futebol checo parou um pouco no tempo e eu lembro-me de alguns jogadores no passado com qualidade – mesmo a seleção era difícil de bater. Mas, por ser um país algo fechado, digamos assim, porque não importa muitos jogadores e treinadores estrangeiros, não tem evoluído a nível de clubes, algo que depois se reflete na seleção, que tem sentido dificuldades nos últimos anos, mesmo nos apuramentos. Ainda agora só se qualificou à última da hora", afirma ao DN Rui Amorim, técnico português que orienta o Znojmo, do terceiro escalão do país, desde o fim do ano passado – pegou na equipa no 10.º lugar e terminou em quarto a um ponto do segundo.

"Mas agora que estão no Europeu, temos de contar com as dificuldades que nos vão proporcionar. São bastante aguerridos e resilientes, algo que tem a ver com a cultura do povo, trabalham muito durante todo o jogo. Mas têm algumas limitações a nível técnico-tático e por isso creio que Portugal parte em vantagem para este enconto", assinala o treinador, de 47 anos, que em Portugal fez carreira em clubes modestos mas com grande história, como Salgueiros, Santa Clara ou União de Leiria. "É um país completamente diferente, em termos culturais e linguísticos, o que é uma barreira muito grande. São muito nacionalistas, têm uma cultura fechada e isso reflete-se também no futebol, que é diferente, mais agressivo, muito físico, com muitas transições...", acrescenta.

Selecionador todo-o-terreno

Num grupo de qualificação acessível, a República Checa apurou-se no segundo posto, atrás da Albânia, que não conseguiu bater. Mas, pior, viu o selecionador Jaroslav Silhavý demitir-se após a última jornada, depois de três jogadores (Brabec, Coufál e Kutcha – só o primeiro não vai estar na Alemanha) terem sido apanhados na sequência de uma noite de boémia a horas da receção à Moldova que iria decidir a classificação final.

Um pouco por isto, a seleção surge na Alemanha como uma incógnita. Ivan Hasek, o eleito para a sucessão, sabe-o e até aposta nisso, tendo conseguido até agora um registo 100 por cento vitorioso nos jogos de preparação: bateu a Noruega em Oslo (2-1), a Arménia em Praga (2-1), Malta (7-1) na Áustria e a Macedónia do Norte em Hradec Králové (2-1). "Não podemos jogar um futebol *naïf*. Mas queremos ser imprevisíveis antes do Europeu", assinalou o antigo médio (chegou a ser capitão da seleção, que representou 55 vezes, no Mundial'90), treinador (com passagens pelo Sparta, Estrasburgo e St. Étienne, além de um breve período como selecionador... enquanto liderava a federação), presidente do organismo e advogado.

"São bastante aguerridos e resilientes, algo que tem a ver com a cultura do povo, trabalham muito durante todo o jogo. Mas têm algumas limitações a nível técnico-tático e por isso creio que Portugal parte em vantagem."

Rui Amorim
Treinador português do Znojmo

Rui Amorim não acredita, todavia, em mudanças radicais. "Como não houve muito tempo desde o apuramento, creio que não existirão grandes alterações nas dinâmicas. É verdade que ganharam os quatro jogos mas é preciso ver o nível dos adversários que defrontaram. Só que, neste tipo de torneios, mais curtos, é o nível emocional a fazer a diferença, tal como a coesão do grupo", referiu, antes de comentar a aposta do "novo" técnico nacional (tem 68 anos) em atletas do campeonato local: "Não sei se será pelo nível da Liga, se será mais pelo nível de conhecimento que o selecionador tem desses jogadores, em vez daqueles que estão no estrangeiro. Mas até fará algum sentido se se pensar que ele também quer aproveitar as rotinas que os jogadores trazem dos seus clubes".

Na atitude está a virtude

Com o foco em dois homens, o capitão Tomás Soucek (West Ham) e o goleador Patrik Schick (campeão na Alemanha com Bayer Leverkusen) – há ainda outro nome conhecido dos adeptos portugueses, o do lateral David Jurasek, que não vingou esta época na Luz e acabou emprestado ao Hoffenheim –, será que se pode esperar o aparecimento de alguma surpresa? "A nível de qualidade individual penso que não, a grande mais-valia deles é na atitude competitiva e na mentali-

MICHAL CIZEK / AFP

dade, pelo menos dos jogos que vi ao vivo da Liga. A atitude com que abordam cada lance parece-me ser a maior virtude dos atletas checos", assinala, antes de referir os pontos a explorar pela equipa de Martínez: "Eles por vezes colocam muitos jogadores nas transições ofensivas, o que lhes pode criar problemas no setor mais recuado. Mas acima de tudo, a qualidade individual do jogador português e a sua maior valia a nível tático. Um Portugal fiel ao seu jogo, assente num grande volume de posse de bola, vai criar-lhes muitos problemas".

Sobre se a República Checa vai apostar numa linha de quatro defesas ou três centrais (como fez nas últimas três partidas), Rui Amorim não faz previsões mas tem uma certeza: "Não conheço bem as ideias deste selecionador, porque está lá há pouco tempo, mas penso que vai estar muito preocupado em anular o Cristiano Ronaldo". É que, segundo o técnico natural do Porto, "os checos são admiradores do futebol português e acima de tudo de duas figuras que são incontornáveis no futebol mundial e que podemos dizer orgulhosamente que são portugueses: uma é o José Mourinho e a outra é, precisamente, o CR7." **N.C.**

Do golão de Eusébio ao chapéu de Poborsky

Clara vantagem sobre a República Checa e igualdade com a "mãe" Checoslováquia nos confrontos anteriores entre as duas seleções.

Birmingham, 23 de junho de 1996. A denominada "geração de ouro" do futebol português, constituída por duas vagas de campeões do mundo de sub-19 – amparada por um lote de jogadores experientes – parecia caminhar triunfalmente na sua primeira grande competição internacional sénior. Passada a fase de grupos, os quartos colocaram a República Checa no caminho da equipa das quinas, um rival que no papel parecia acessível. Mas, aos 52 minutos, o número 8 adversário arrancou em direção à área lusitana, ganhou um ressalto e, à entrada da área, efetuou um magnífico chapéu a Vítor Baía. "A bola subiu tanto, que até pensei não ser possível que entrasse na baliza", confessou anos depois Karel Poborský, o autor do histórico lance. Até agora, essa foi a única ocasião em que a República Checa conseguiu derrotar Portugal, que venceu os quatro encontros subsquentes, dois em fases finais de Europeus (3-1 em 2008, 1-0 em 2012, com CR7 a marcar em ambos), dois na Liga das Nações (2-0 em casa, 4-0 em Praga).

A estas cinco partidas, acrescentam-se mais dez antes da separação com a Eslováquia entre 1926 (esse primeiro frente a uma equipa amadora) e 1989: três vitórias, quatro empates e três derrotas, uma delas por 5-0. Mas, para a história ficou o heróico triunfo de Bratislava em 1965, na caminhada rumo ao Mundial de Inglaterra: a jogar com dez desde os três minutos por lesão de Fernando Mendes, Portugal acabaria por vencer num lance maravilhoso de Eusébio, que arrancou do meio-campo, correu que nem uma flecha e bateu Schrojf com um tiro portentoso de ângulo apertado. Tudo somado, vantagem para Portugal.

Experiente e estreante. Cancelo quer fazer história

SELEÇÃO Lateral lembrou trauma do afastamento do Euro2020 e elogiou Martínez, "um selecionador muito próximo dos jogadores".

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

João Cancelo é um dos jogadores mais titulados e experientes da seleção nacional, mas também é um estreante em Europeus, depois de ter falhado o Euro2020 (jogado em 2021) devido à covid-19: "Estou muito motivado para este Europeu, quero dar resposta por mim, pela minha família e por quem gosta de mim. Vou meter as cartas todas na mesa, dar o máximo e ajudar Portugal o melhor que conseguir. Não esqueço o que me custou ficar fora em 2020."

O lateral direito do Manchester City, que esteve emprestado ao Barcelona, confessou que a "incerteza" sobre onde vai jogar na próxima época o afetou um pouco até ao dia da concentração: "Quando entrei aqui esqueci totalmente isso, 100% focado na Seleção e em ajudar Portugal."

E mesmo para quem já foi considerado o melhor lateral do Mundo é fácil admitir que "a concorrência nas laterais é muito forte". Mas João Cancelo está preparado para dar luta a Diogo Dalot, Nélson Semedo e Nuno Mendes e jogar em qualquer lado... menos a organizador de jogo. "Não tenho qualidade para jogar a número 10 na seleção. Para mim torna-se indiferente jogar à direita ou esquerda, é habitual fazer o corredor direito ou esquerdo, tento ajudar a equipa para conseguirmos o objetivo final que é sempre o de ganhar", disse o camisola 20, perfeitamente adaptado aos sistemas de Roberto Martínez. E se o selecionador opte por um esquema de três defesas centrais? "Gosto de ter bola, gosto muito de atacar, como já deu para perceber. Se tiver três centrais, estou mais salvaguardado defensivamente, sem dúvida", respondeu Cancelo, garantindo que o entendimento ofensivo com Rafael Leão e João Félix é bom dentro e fora de campo, porque "é fácil jogar com jogadores desta qualidade".

João Cancelo ressalvou ainda o papel do técnico no seu bom desempenho: "Roberto Martínez fez-me sentir à vontade a nível desportivo e pessoal desde o primeiro momento. É muito próximo dos jogadores, tem boas ideias, gosta de atacar, privilegia futebol ofensivo e atrativo. Identifico-me porque penso da mesma maneira. Os meus companheiros também, esperamos dar-lhe uma alegria, pois tem feito a diferença."

> João Cancelo pronto para jogar em qualquer posição... menos a número 10. Jogo de amanhã com a Rep. Checa será arbitrado pelo italiano Marco Guida.

Cancelo não disfarçou o desconforto quando confrontando com uma batalha de gerações no futebol português. "Há muita qualidade, mas também existiu em gerações anteriores. No Euro2004, quando era miúdo, tínhamos jogadores fenomenais e chegaram à final. Se conseguirmos chegar à final, fazer esse feito e ganhar, iremos ficar na história. Depois há a geração de 2016 que ganhou o Europeu e ficou na história de Portugal. Esperamos ficar nós também num futuro próximo", disse.

Olhando para o jogo de estreia com a República Checa (*ver texto principal*), o defesa espera "uma equipa muito agressiva com jogadores muito altos, de grande condição atlética", que vão certamente dificultar bastante quando Portugal tiver a bola: "Vamos ter que estar organizados na perda da bola. Tentar, se possível, desorganizá-los, marcar um golo cedo para tranquilizar o nosso jogo."

isaura.almeida@dn.pt

MIGUEL A. LOPES/LUSA

Incerteza quanto ao futuro ficou à porta da seleção, segundo João Cancelo.

Albânia alvo de processo

A Albânia foi alvo de um processo disciplinar da UEFA devido ao "comportamento inadequado e impróprio em evento desportivo" dos seus adeptos no jogo com a Itália, que teve uma invasão de campo.

Primeiro-ministro assiste ao jogo de estreia

O primeiro-ministro, Luís Montenegro, estará presente no jogo de estreia de Portugal, amanhã, frente à República Checa. A informação consta na agenda oficial do chefe de Governo. No segundo jogo (frente à Turquia, dia 22), o Estado estará representado pelo presidente da Assembleia da República, José Pedro Aguiar-Branco. No último jogo da fase de grupos, frente à Geórgia (dia 26), é o Presidente da República quem estará presente.

Bellingham marcou o primeiro golo de Inglaterra no Euro2024.

OZAN KOSE / AFP

Perante uma boa Sérvia valeu o golo de Bellingham

GRUPO C Seleção inglesa sofreu para garantir os três pontos diante da Sérvia (1-0), que fez um grande jogo e lutou até ao fim pelo empate.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

A Inglaterra, uma das candidatas assumidas à conquista do Europeu, venceu ontem a Sérvia (1-0), sem realmente convencer. O golo de Bellingham acabou por ser suficiente para garantir os três pontos e a liderança do Grupo C, depois do empate entre a Eslovénia e a Dinamarca (*ver quadros*).

No primeiro tempo, os comandados de Gareth Southgate entraram em velocidade e chegaram ao golo inaugural bem cedo. Bukayo Saka foi à linha servir Jude Bellingham, que apareceu no coração da área e fazer o 1-0 de cabeça aos 12 minutos. A Sérvia não se perturbou e foi crescendo no jogo e tentando chegar ao empate antes do intervalo. Vlahovic foi um dos elementos mais inconformados e Mitrovic um dos que teve a pontaria desafinada.

No segundo tempo, o portento físico dos sérvios fez-se notar nos duelos de um para um e intimidou os ingleses. Mas a equipa de Dragan Stojkovic não se remeteu apenas ao jogo defensivo e foi crescendo em posse de bola, obrigando os ingleses a recuar e recorrer ao típico 'bola para a frente' nas alturas de maior sufoco.

Aos 53 minutos, um cruzamento venenoso de Dusan Vlahovic gerou calafrios a Jordan Pickford, mas a bola saiu a rasar o poste sem que nenhum sérvio a conseguisse desviar para a baliza. Logo depois Mitrovic caiu na área e queixou-se de um encosto de Kieran Trippier, mas o árbitro mandou jogar e nem houve direito a VAR, apesar do sérvios ficarem a pedir penálti.

O jogo complicava-se para a seleção inglesa e nem a troca de Alexander-Arnold por Conor Gallagher meteu gelo na iniciativa da equipa dos balcãs. Já com Tadic em campo – fez o primeiro jogo num Europeu na 109.ª internacionalização – os sérvios espalharam o terror na área inglesa. Aos 82 minutos, Dusan Vlahovic obrigou Pickford a uma grande defesa para evitar o empate. Milinkovic-Savic também fez parte dos que tentaram bater o inglês sem sucesso. Nota positiva para a reação sérvia e nota negativa para a postura dos adeptos de ambas as seleções, que antes da partida começar deram um mau espetáculo, num jogo de agressões mútuas e caos espalhados pelas ruas da cidade de Gelsenkirchen.

isaura.almeida@dn.pt

EPA/RONALD WITTEK

GRUPO D

POLÓNIA 1-2 PAÍSES BAIXOS

Num encontro arbitrado pelo português Artur Soares Dias, os polacos, desfalcados do lesionado Robert Lewandowski, marcaram primeiro, por Adam Buksa, aos 16 minutos, mas não conseguiram impedir a reviravolta da seleção dos Países Baixos. Cody Gakpo, aos 29 minutos, e o suplente Wout Weghorst, aos 83', ajudaram a bater a Polónia, em Hamburgo. O segundo encontro da primeira jornada do Grupo D realiza-se hoje, com a França, campeã europeia em 1984 e 2000, a defrontar a Áustria, em Dusseldorf.

Polícia evita ataque

A polícia teve de recorrer a armas de fogo para impedir um homem, munido de uma picareta e um dispositivo incendiário, de atacar vários adeptos da Polónia e da Holanda, antes do jogo entre as duas seleções, em Hamburgo.

Mbappé apela a voto dos jovens

O capitão da seleção francesa, Kylian Mbappé, apelou ontem ao voto dos jovens nas próximas eleições legislativas, explicando que é um "momento crucial" na história do país, no "combate ao extremismo". O reforço do Real Madrid também aproveitou para dizer que não há qualquer hipótese de jogar pela França nos Jogos Olímpicos de Paris 2024.

GRUPO C

ESLOVÉNIA 1-1 DINAMARCA

Três anos e quatro dias depois da paragem cardíaca sofrida no Euro2020 (jogado em 2021), Cristian Eriksen voltou a jogar nos relvados de um Europeu e foi ele a adiantar a Dinamarca no marcador aos 17 minutos. A Eslovénia só chegou ao empate no segundo tempo. O remate de Erik Janza desviou no leão Hjulmand – foi titular, tal como o benfiquista Bah – e traiu Kasper Schmeichel. Andreas Christensen ficou na história do jogo por não falhar um único passe dos 89 que fez no MHP Arena, em Estugarda. Foi o primeiro empate do Euro2024, com as duas seleções a ficarem com um ponto no Grupo C, o de Inglaterra e Sérvia.

CHRISTOPHE SIMON / AFP

CALENDÁRIO E CLASSIFICAÇÕES

GRUPO A

Alemanha-Escócia 5-1
Hungria-Suíça 1-3
Escócia-Suíça (19/06, 20h00)
Alemanha-Hungria (19/06, 17h00)
Suíça-Alemanha (23/06, 20h00, RTP1)
Escócia-Hungria (23/06, 20h00)

		P	J	G
1.º	Alemanha	3	1	5-1
2.º	Suíça	3	1	3-1
3.º	Hungria	0	1	1-3
4.º	Escócia	0	1	1-5

GRUPO B

Espanha-Croácia 3-0
Itália-Albânia 2-1
Croácia-Albânia (19/06, 14h00)
Espanha-Itália (20/06, 20h00, RTP1)
Croácia-Itália (24/06, 20h00, RTP1)
Albânia-Espanha (24/06, 20h00)

		P	J	G
1.º	Espanha	3	1	3-0
2.º	Itália	3	1	2-1
3.º	Albânia	0	1	1-2
4.º	Croácia	0	1	0-3

GRUPO C

Eslovénia-Dinamarca 1-1
Sérvia-Inglaterra 0-1
Eslovénia-Sérvia (20/06, 14h00)
Dinamarca-Inglaterra (20/06, 17h00)
Inglaterra-Eslovénia (25/06, 20h00)
Dinamarca-Sérvia (25/06, 20h00, SIC)

		P	J	G
1.º	Inglaterra	3	1	1-0
2.º	Dinamarca	1	1	1-1
3.º	Eslovénia	1	1	1-1
4.º	Sérvia	0	1	0-1

GRUPO D

Polónia-Países Baixos 1-2
Áustria-França (hoje, 20h00, RTP1)
Polónia-Áustria (21/06, 17h00)
Países Baixos-França (21/06,20h00, SIC)
Países Baixos-Áustria (25/06, 17h00)
França-Polónia (25/06, 17h00)

		P	J	G
1.º	Países Baixos	3	1	2-1
2.º	Áustria	0	0	0-0
2.º	França	0	0	0-0
3.º	Polónia	0	1	1-2

GRUPO E

Roménia-Ucrânia (hoje, 14h00)
Bélgica-Eslováquia (hoje, 17h00)
Eslováquia-Ucrânia (21/06, 14h00)
Bélgica-Roménia (22/06, 20h00)
Eslováquia-Roménia (26/06, 17h00)
Ucrânia-Bélgica (26/06, 17h00)

		P	J	G
1.º	Eslováquia	0	0	0-0
2.º	Ucrânia	0	0	0-0
3.º	Roménia	0	0	0-0
4.º	Bélgica	0	0	0-0

GRUPO F

Turquia-Geórgia (amanhã, 17h00)
Portugal-R. Checa (amanhã, 20h00, SIC)
Geórgia-Rep. Checa (22/06, 14h00)
Turquia-Portugal (22/06, 17h00, RTP1)
Rep. Checa-Turquia (26/06, 20h00)
Geórgia-Portugal (26/06, 20h00, TVI)

		P	J	G
1.º	Portugal	0	0	0-0
2.º	Turquia	0	0	0-0
3.º	Geórgia	0	0	0-0
4.º	Rep. Checa	0	0	0-0

OITAVOS-DE-FINAL
29/06: 2.º gr. A-2.º gr. B (J37) - 29/06: 1.º gr. A-2.º gr. C (J38)
30/06: 1.º gr. C-3.º gr D/E/F (J39) - 30/06: 1.º gr. B-3.º gr A/D/E/F (J40)
01/07: 2.º gr. D-2.º gr. E (J41) - 01/07: 1.º gr. F-3.º gr. A/B/C (J42)
02/07: 1.º gr. E-3.º gr. A/B/C/D (J43) - 02/07: 1.º gr. D-2.º gr. F (J44)
QUARTOS-DE-FINAL
05/07: Venc. J39-Venc. J37 (J45) - 05/07: Venc. J41-Venc. J42 (J46)
06/07: Venc. J40-Venc. J38 (J47) - 05/07: Venc. J43-Venc. J44 (J48)
MEIAS-FINAIS
09/07: Venc. J45-Venc. J46 - 10/07: Venc. J47-Venc. J48
FINAL
14/07, em Berlim (20.00)

*Todos os jogos com transmissão em direto na SportTV

Fernando Pimenta, a "lenda" da canoagem, chegou aos 111 ouros

EUROPEUS Atleta do Benfica sagrou-se campeão da Europa, tal como Norberto Mourão na paracanoagem.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

EPA/TAMAS KOVACS HUNGARY OUT

Grito de ouro de Fernando Pimenta em Szeged na Hungria.

Fernando Pimenta sagrou-se ontem campeão europeu em K1 5000 metros, fechando assim os Europeus de canoagem de velocidade, em Szeged, na Hungria, com chave de ouro. Foi a 111.ª medalha dourada da "lenda" da canoagem como o apelidaram na Hungria. Ainda ontem de manhã tinha conseguido um bronze em de K1 1000, depois de nO sábado ter conseguido uma prata em K1 500.

"Fiz tudo para conseguir ouvir o hino nacional. Não fiquei triste com o bronze [em K1 1000] – até uma parte da prova fiz o que queria, mas na outra podia ter dado mais um pouco –, porém saio contente. Agora sabia que tinha grandes candidatos a lutar pelo título. Andei muito tempo a liderar, sofri muitos ataques... no entanto, foi gerir e sentir-me bem na última volta. Tentei não dar hipóteses e consegui", regozijou-se o português, de 34 anos.

Ontem, na final do K1 5000 impôs-se ao húngaro Ádám Varga, vice-campeão em K1 1000 em Tóquio2020, e ao dinamarquês Mads Brandt Pedersen, atual campeão do mundo em K1 5000, recuperando assim o cetro europeu na distância em que já tinha sido coroado em 2016 e 2022, e na qual também foi campeão do mundo em 2017 e 2018.

Vice-campeão Olímpico em K1 1000 em Tóquio2020, Pimenta fechou os Europeus com um metal de cada cor nas três finais em que competiu. "Infelizmente, um dia isto vai acabar. Tenho de desfrutar de cada prova como se fosse a última. Foi o que fiz agora. Fi-lo ao máximo, dei um grande espetáculo e honrei Portugal e os portugueses. É continuar o trabalho que tenho feito com o meu treinador [Hélio Lucas] e acreditar que tudo é possível".

Pimenta confessou ainda o "orgulho" pelo facto de neste fim de semana ter sido, várias vezes, apelidado de "lenda" da canoagem, precisamente num dos países fortes do mundo nesta modalidade. Próxima paragem: Paris2024, em busca do ouro que lhe falta, depois do bronze em Tóquio2020 e da prata em Londres2012, juntamente com Emanuel Silva.

O ouro de Pimenta foi o terceiro nestes Europeus para Portugal. Também Iago Bebiano e Kevin Santos, em K2 200 metros, e o paracanoista Norberto Mourão, na classe adaptada VL2, se sagraram campeões europeus.

"Muitas vezes queixamo-nos das condições das provas. O vento de frente do lado esquerdo é pior para mim, mas hoje não me posso queixar, pois estava de frente do lado direito, o ideal para mim. O facto de estar doente [com gripe] mas ter o vento do meu lado ajudou-me a conquistar este título europeu. Hoje, as condições favoreceram-me", disse Mourão à agência Lusa.

O paralímpico português bateu o ucraniano Andrii Kryvchun e o húngaro Robert Suba. E depois de ter conquistado a medalha de bronze nos Jogos Paralímpicos, Norberto Mourão, 43 anos, espera "melhorar" o resultado de Tóquio2020 em Paris2024.

isaura.almeida@dn.pt

Olivia Cooke e Fabien Frankel. A era das *streaming-stars*!

STREAMING O DN foi o único meio português presente no encontro com os atores de *House of the Dragon*, temporada 2, em Paris. A série que chega hoje à Max é dominada pela presença plena de magnetismo dos amantes reais interpretados por Fabien Frankel e Olivia Cooke, atores britânicos recebidos na *première* com histeria completa. São estrelas globais sem precisar do cinema.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**, em Paris

Sem sinais de ressaca da estreia europeia no dia anterior no histórico teatro parisiense Chatelet, o casal mais excitante da série *House of the Dragon* está pronto para o DN. Fabien Frankel, Ser Criston Cole, não se cansa de elogiar Portugal, o cliché habitual. Ao seu lado, Olivia Cooke, a rainha Alicent Hightower, reforça o lugar-comum, mas lembra que já se deu mal com pastéis de nata, um pouco como acontecia com a personagem de Emma Stone em *Pobres Criaturas*, de Yorgos Lanthimos. Na ficção são amantes, e logo no primeiro episódio são introduzidos numa cena sexual que deixa antever hierarquia erótica por parte da rainha. Sim, cada vez mais as séries Max a quererem atrair aquele público adulto que já perdeu o hábito de ir aos cinemas.

Isto é guerra

"Em termos de intriga tudo ficou mais sério! Estamos à beira de uma guerra civil... Na primeira temporada tínhamos uma família desesperada a tentar a união, agora passa-se muita coisa. É de doidos! Quem não viu a temporada 1 tem mesmo de a ver, não dá para entrar aqui sem conhecer o que se passou antes", começam por nos dizer. Ele, cada vez mais com a cotação a aumentar, ela já muito longe da doçura de *Ready Player One*, de Steven Spielberg.

E sobre essa aposta num público adulto Fabien Frankel lembra: "É preciso não esquecer: isto é HBO! A HBO é perita em transformar uma série que poderia ser juvenil em material para adultos. *House of the Dragon* não é para a miudagem. Mesmo os dragões metem mesmo medo." "Não deixem os miúdos ver esta série", avisa Olivia Cooke.

Difícil nesses encontros com a imprensa é a questão do lado dos segredos, ou seja, não ser *spoiler*. Fabien Frankel confessa que até treme: "Às vezes é mesmo difícil não revelar demasiado. Não sou bom a esconder segredos." Olivia Cooke, por seu turno, até diz que os amigos ajudam: "Quando me perguntam o que filmei hoje, mal começo a contar sou logo impedida. São os amigos que não me deixam contar, não querem perder o efeito surpresa. Os fãs são muito protetores de todo este secretismo." Convém relembrar que os oito episódios vão apenas ser disponibilizados na plataforma todas as semanas, um a um, ao contrário que acontece na

Olivia Cooke e Fabien Frankel.

Rhaenyra Targaryen (Emma D'Arcy), a princesa herdeira.

House of the Dragon: a hora das mulheres e dos dragões

É o primeiro grande lançamento da rebatizada plataforma Max e vem com promessas de mais ação, que é como quem diz mais tempo de antena para os dragões. Depois da morte de um soberano, a segunda temporada de *House of the Dragon* prepara-se para guerrear.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Estamos sempre à procura de um novo sucesso gigantesco. É "inevitável", como diz uma ou outra personagem da nova temporada de *House of the Dragon* em relação à guerra. Estamos sempre focados num recorde, numa marca absoluta de grandeza. A mesma grandeza atingida pela série *A Guerra dos Tronos*, que positivamente lança a sua sombra sobre esta prequela, também nascida do universo literário de George R.R. Martin, ou melhor, um *spin-off* que, entre a página e o ecrã, parece estar a ser treinado como um dragão... Em 2022, *House of the Dragon* arrancou bem. Na verdade, muito bem, renovando a crença no triunfo da fantasia épica como género televisivo capaz de agregar espectadores no sentido de uma conversa coletiva. E por isso era inevitável: cá estamos para uma segunda dose (já sob o efeito do anúncio de uma terceira), a apontar para a meta da viciante grandeza.

Em estreia esta segunda-feira na Max, o novo capítulo da série criada por Ryan Condal e o próprio George R.R. Martin regressa ao mundo de Westeros com a intenção de apertar os laços de animosidade, agravar o enredo e levantar voo. Sente-se uma atmosfera de metal, um prenúncio de guerra, que aproveita todos os elementos de tensão, desde os erros graves nas jogadas de poder aos sinais preocupantes de que, um pouco por toda a parte, vingança e ambição andam de mãos dadas e podem ser uma combinação explosiva. Dos quatro episódios disponibilizados à imprensa (são oito no total, menos dois do que a temporada anterior) retira-se um novo ritmo, muito marcado por decisões humanas impulsivas e ações precipitadas. Uma coisa é certa: vão rolar cabeças. O tempo de "uma réstia de dignidade" acabou.

Um trono a ferro e fogo

A primeira temporada de *House of the Dragon* foi claramente um percurso de contextualização, uma forma de colocar as peças no tabuleiro de xadrez e estabelecer a dinâmica das personagens, para depois as antagonizar ou provocar alianças. Começava-se com a problemática do herdeiro, a importância de nomear um sucessor para o rei Viserys I, da Casa Targaryen – este nomeou a filha Rhaenyra –, e terminava-se com a morte arrastada desse rei, cuja esposa dos últimos anos se convenceu do direito inequívoco do seu primogénito ao trono, usurpando o poder quando o corpo do defunto soberano ainda nem tinha arrefecido. Nessa altura jogava-se em casa, por assim dizer. Ao contrário da segunda temporada, que se divide em dois polos, dois conselhos, acima de tudo, duas mulheres outrora confidentes mas separadas pela natureza cruel dos esquemas palacianos.

Esta é, no fim de contas, a hora suprema de Emma D'Arcy e Olivia Cooke, respetivamente a princesa Rhaenyra Targaryen e a rainha viúva Alicent Hightower, mãe do proclamado sucessor, Aegon Targaryen. Duas frentes de uma iminente guerra civil que levará ainda a um maior protagonismo dos dragões, essas criaturas que figuravam com parcimónia nos 10 primeiros episódios de *House of the Dragon*, tornando-se agora um ponto de convergência: é ver o que acontece no coração de um dos episódios da primeira metade (não se pode revelar qual) quando a dança violenta desses seres mitológicos se evidencia como um espetáculo de emoções contraditórias.

Dir-se-ia que esta é a temporada das mulheres e dos dragões. Por um lado, mostrando que as personagens femininas se reforçam como agentes de complexidade (nos termos da estratégia política, mas também nas relações íntimas; longe ficou a frase da mãe de Rhaenyra: "O parto é o nosso campo de batalha"), por outro, procurando nos monstros fantásticos o vigor do escapismo que distingue as séries deste calibre de produção. Os dragões e o seu hálito de fogo, usados como arma de guerra, conferem uma qualidade de fábula a um mundo que, de outro modo, se cingiria à violência e tragédia shakespeariana. A grandeza, neste caso, tem muito que ver com a fantasia. E como escreve George R.R. Martin, "nem todos os homens foram feitos para dançar com os dragões".

fórmula *binge* da rival Netflix. "Prefiro assim! Faz lembrar a televisão clássica. O *streaming* nos últimos 10 anos acabou por ser redutor, na medida em que nós estamos a rodar durante seis meses ou um ano e, de repente, as pessoas num dia consumirem tudo de uma vez desgosta-me", ressalva Fabien, ao passo que Olivia acha mesmo que esse consumo *binge* torna os atores descartáveis: "Eu própria, quando vi séries de um só trago, uma semana depois já não me lembrava delas. As pessoas gostam de um certo tempo entre os episódios, nem que seja para trocar ideias com os amigos."

Estrelas de plataforma

Por fim, é a mesma atriz que reflete sobre os novos tempos em que os atores já são mais famosos pelas séries do que pelos filmes: "Se estamos aqui em Paris com toda esta idolatria. isso deve-se à era dourada da televisão. Infelizmente, está muito difícil a situação para o cinema mais independente e para os filmes do 'meio', aqueles cujos orçamentos rondam os 30 milhões. Vivemos estes tempos em que só se financiam *blockbusters* de sequelas ou filmes de super-heróis. Mesmo não sendo o caso de *House of the Dragon*, é na TV que vemos mais histórias escritas de forma independente. E é no *streaming* que os cineastas podem florescer."

Matthew Needham
"Todos os cêntimos gastos vão ser vistos no ecrã"

ENTREVISTA Matthew Needham, um dos atores ingleses mais interessantes do momento, em *House of the Dragon* é o manipulador Lord Larys. Ao DN fala da experiência de representar com um dragão, que é, afinal, uma bola de ténis, e de como foi dirigido em *Napoleão* por Ridley Scott.

ENTREVISTA **RUI PEDRO TENDINHA**, em Paris

Como gosta de descrever esta sua personagem tão sombria?
Para mim é um especialista do maquiavelismo, alguém muito complexo. Nesta segunda temporada vai ficar mais interessante, vamos vê-lo a trabalhar mais e nem tudo lhe corre de feição. É agora que vamos ver de que fibra é feito. Para um ator é sempre muito divertido interpretar alguém tão intrincado.

Esta temporada é mesmo muito mais negra do que a primeira?
Sim, muito mais. As coisas vão ficar muito sombrias. Agora é mesmo a guerra.

Tal como em *Game of Thrones*, "o inverno está a chegar".
Isso mesmo.

Diz-se que esta série não foi barata. Podemos ficar confiantes de que todo este orçamento multimilionário vai poder ser visto no ecrã?
Sim, literalmente todos os cêntimos gastos vão ser vistos no ecrã. A escala é mesmo gigante e tudo foi gasto para que se pudesse ver.

Como ator, já está mais habituado a contracenar com elementos digitais e a imaginar paisagens e dragões?
Bastante mais, mas a maior parte dos locais de rodagem são mesmo físicos e reais. Sentimo-nos mesmo naquela época. A verdade é que continuamos a não ver dragões, infelizmente. Continuam a colocar alguém com uma grande cana e uma bola de ténis lá espetada a movimentar-se até nós.

A famosa bola de ténis...
A famosa bola de ténis. Temos ainda de fingir que existe diante de nós um terrível dragão gigante. Mas não, é apenas um tal Darren com uma bola de ténis... Não deixa de ser cómico.

A maior parte dos atores aqui são britânicos e isso dá a esta série uma *panache* muito *british*. Muda tudo um pouco, mesmo para o tom do *acting*?
Nunca tinha pensado nesses termos. Sabe que mais? Tem toda a razão, esse é mesmo um elemento que acaba por ser expandido e dá-nos a nós, atores, mais confiança no tom e no estilo. *Panache* é o termo certo.

É que depois convoca toda a vibração shakespeariana...
Sem dúvida, sobretudo devido aos arcos da narrativa, mas é preciso não esquecer que Shakespeare foi roubar muito a histórias preexistentes e transformou-as em material original. O que aqui fazemos é semelhante: damos nova vida a velhas histórias folclóricas e a contos. Trata-se de um olhar realista ao conto de fadas. Temos dragões e magia, mas também aquilo que o mundo seria de facto se os dragões existissem.

Por que razão há este fascínio todo em relação aos dragões?
Creio que é uma fantasia mental da nossa infância. Mas é bizarro, claro. Difícil de explicar, gostamos deles e pronto. Qualquer coisa de mito...

Os unicórnios não têm esse apelo tão forte.
Sim, é verdade, mas eu gostaria de ver uma série com unicórnios.

Não se esqueça de *A Lenda da Floresta*, de Ridley Scott, feito em 1984 e estreado em 1985...
Sim, conheço. Foi um fracasso, mas as pessoas agora julgam que é bom.

E, já que falamos em Scott, em termos de grande produção, quase simultaneamente, também experimentou a dimensão do cinema em *Napoleão*...
Era colossal! E foi espantoso ver como o Ridley Scott era capaz de navegar naquela grandiosidade. Estava sempre tão calmo, sem stresse, nunca se chateava, enfim, é um mestre.

Tem a sensação de que *House of The Dragon* vai resistir ao teste do tempo?
Não faço ideia! Era bom que daqui a 20 anos ainda fosse relevante e as pessoas ainda falassem desta série.

"Damos nova vida a velhas histórias folclóricas e a contos. Trata-se de um olhar realista ao conto de fadas."

LIVROS DA SEMANA

O fim do planeta Terra já está escrito e não faltam muitos anos

A acreditar na trilogia de Liu Cixin *O Passado do Planeta Terra*, o futuro da nossa civilização está ameaçado. A gigantesca narrativa que atravessa o volume final, *A Morte Eterna*, é uma visão gelada de um universo que nos é em muito desconhecido e repleto de surpresas.

TEXTO **JOÃO CÉU E SILVA**

O mundo conhece a trilogia do escritor chinês Liu Cixin mais pelo nome do primeiro volume, *O Problema dos Três Corpos*, do que pelo verdadeiro título que agrupa a imensa saga com duas mil páginas. Não é importante, afinal é nesse velho problema irresolúvel da Física que se sustenta a história que construiu e que coloca ao leitor dois grandes problemas: como compatibilizar uma ficção científica com uma possível realidade. Desde o primeiro volume que o leitor se confronta com uma dimensão do universo em muito diferente de tudo o que a imaginação e o conhecimento científico lhe permite. O espaço de Cixin é, ao mesmo tempo, frio e distante e fervilhante e próximo, e surge elaborado de uma forma inédita.

A acrescentar à relação de quem lê e do que é lido, surpreende a substância da matéria-prima vinda das ciências que utiliza para compor um relato em que o autor antecipa uma época em muito diferente à que o ser humano está a vivenciar e será capaz de conceber. Pode dizer-se, sem margem de erro, que o futuro pode ser mais inesperado e assustador do que tudo o que foi escrito neste género literário. E não faltaram até hoje grandes criadores que refletiram sobre a imensidão que nos cerca, como se pode ler em alguns dos títulos publicados nesta coleção da editora Relógio D'Água, como é o caso de Philip K. Dick, com *Sonhos Elétricos*, Frank Herbert, com *Duna*, H.G. Wells, com *A Guerra dos Mundos*, Isaac Asimov, com *Eu, Robô*.

Liu Cixin vai mais longe e cria um presente que receia um futuro não muito distante, no máximo a quatro séculos, e revela que o fim do planeta Terra já está escrito e não faltam muitos anos. Essa previsão estava bem presente em *O Problema dos Três Corpos*, ficou demonstrado quanto basta no segundo volume, *A Floresta Sombria*, e confirma-se no último volume da trilogia agora publicado, *A Morte Eterna*. Em cada um destes livros desenvolve-se uma tese e faz-se a sua demonstração através de uma narrativa sempre suportada numa explicação bem distante das aventuras de "capa e espada" que as anteriores civilizações extraterrestres interpretaram no seu "desejo" de capturar a Terra para seu benefício.

A MORTE ETERNA
Liu Cixin
Relógio D'Água
702 páginas

Cada volume da trilogia de Liu Cixin recebeu os prémios mais importantes da ficção científica.

Liu Cixin vai muito mais longe e, apesar de não faltarem as grandes batalhas intergaláticas, cria um retrato que não é estranho àquilo que poderá ser a evolução da humanidade no tempo que lhe resta para viver como tem acontecido até agora. Se no primeiro volume era a ameaça, se no segundo volume o leitor acreditava que aquele modo de vida seria muito parecido com aquele que os que veem mais à frente imaginam ser possível, neste terceiro volume a solidão e a descoberta do espaço impõe-se. Em simultâneo, o autor coloca uma série de hipóteses sobre tudo o que desconhecemos ainda da Física e das leis do universo de uma forma tão convincente quanto surpreendente. Até porque este terceiro volume foi publicado em 2010 e desde esse ano a evolução tecnológica da humanidade alterou-se em muito.

Pode dizer-se que a trilogia vai crescendo a cada volume e este que agora chega às livrarias será o mais perfeito do trio. Num recuo histórico, a ação começa com a queda de Constantinopla, em 1453, salta para o momento em que tudo começara devido à revolta contra as injustiças da Revolução Chinesa e com a decisão de responder à mensagem de Trisolaris, surge a ideia de enviar um cérebro humano para as profundezas do universo, dá-se o momento de tréguas com o invasor, que apenas aguarda pelo falhanço do guardião humano da paz, reinterpretam-se contos de fantasia que possuem segredos para salvar os sobreviventes do planeta Terra, bem como todos os mundos exterminados… Tudo isto num universo de muitas mais dimensões e, por vezes, tão distante como próximo da civilização humana. Tudo isto brilhantemente descrito e recriado por Liu Cixin, que exige uma leitura tão rápida quanto possível para se conhecer o fim.

Vale a pena referir que a recente adaptação de *O Planeta dos Três Corpos* pela Netflix facilitou a leitura desta saga, tendo até evitado alguma da dificuldade existente no primeiro livro para a compreensão do verdadeiro problema existencial da civilização trisolariana. No entanto, por muito que os argumentistas da série simplifiquem a saga, o conselho é que se aproveite o tempo que falta para a adaptação do segundo e terceiro volumes para ler uma ficção que não é passível de ser substituída por imagens. Porque Liu Cixin consegue com as suas palavras ultrapassar em muito as imagens, mesmo que feche a narrativa com a historieta mais trivial – e triunfal – possível, uma mensagem salvadora dentro de uma garrafa.

LANÇAMENTOS

CONTACTO
Carl Sagan
Gradiva
496 páginas

A PRIMEIRA VISITA

O romance *Contacto*, de Carl Sagan, foi traduzido para português à data da sua publicação, em 1985, mas a maioria dos leitores conhece a história por via do filme com o mesmo nome, protagonizado pela atriz Jodie Foster. O filme não ignora a estrutura do livro, sendo que a narrativa de Sagan impõe-se à versão cinematográfica por ser mais ampla, mesmo que muito preocupada em dar destaque ao cenário da Guerra Fria e da competição entre os EUA e a URSS, o grande motor da exploração espacial. Tudo começa com a fixação da cientista Ellie Arroway em escutar o universo em busca de sinais de vida extraterrestre. Uma busca infrutífera até à página 78, quando chega o momento para Sagan dar vida ao objetivo do romance: imaginar o primeiro contacto entre a humanidade e uma civilização dos confins do universo. Mesmo sendo o cientista considerado um dos maiores divulgadores científicos do espaço no seu tempo, a grande surpresa do livro é a capacidade de contar uma história sobre algo então impensável com muitos detalhes da sociedade da época, das dúvidas religiosas que se sobrepõem, do choque com a tecnologia exterior, temas com uma capacidade de manter um intrincado *suspense*. A escolha da resposta alienígena é surpreendente: reenviar para a Terra a primeira emissão de televisão, o discurso de abertura dos Jogos Olímpicos de 1936 feito por Hitler.

O LIVRO DOS LIVROS PROIBIDOS
Werner Fuld
Edições 70
292 páginas

COMPILAÇÃO DE PROIBIÇÕES

O autor recorda a história de censura a livros que a muitos hoje parecerá estranha, afinal Joyce, Goethe, Flaubert, Proust, entre muitos outros, são escritores cujas obras estiveram no índex de proibições. Uma realidade que se mantém, contudo o historial que aqui é apresentado, bem como as suas razões e processos judiciais muito bem contados, justifica a leitura de um livro sobre livros que se queriam desaparecidos.

Energica Experia: será esta a Tesla das motos elétricas?

MOTORES Na indústria automóvel, a maioria dos fabricantes foi obrigada a apanhar o "comboio" da eletrificação, sobretudo por causa da Tesla. Nas motos, isso não aconteceu.

TEXTO **FERNANDO MARQUES**/ MOTOR24

É verdade que surgiram imensas propostas na forma de trotinetes e scooters elétricas como alternativas para a mobilidade urbana. Mas para quem quisesse trocar a sua moto de combustão por uma alternativa totalmente elétrica, sobretudo os motociclistas que gostam de viajar, não existiam grandes opções no mercado. Até agora. Fundada em 2014 na cidade italiana de Modena, a Energica não receia desafiar os preconceitos em relação a este tipo de veículos elétricos.

Começou por desenvolver a tecnologia há mais de dez anos. Não só fabrica motos elétricas altamente sofisticadas, como foi o primeiro fornecedor para o campeonato mundial de MotoE até ao final de 2022. O estilo desta moto elétrica embrulha convenientemente o pacote tecnológico na forma do motor e bateria, desenvolvidos a partir da experiência adquirida no MotoE e nas motos de estrada.

A sua conceção exigiu uma plataforma desenhada de raiz. O novo quadro em treliça de aço tubular alberga um motor de íman permanente, mais leve e compacto, que, apesar da sua eficiência térmica melhorada, continua a ser refrigerado por líquido – tal como o inversor –, e lubrificado por óleo.

420 quilómetros de autonomia em cidade

A bateria tem uma capacidade aproximada às que equipavam os Renault Zoe da primeira geração: 22.5 kWh (19.6 kWh efetivos). É a maior que encontramos atualmente numa moto elétrica de produção, e a marca estima ser possível obter até 420 quilómetros de autonomia em cidade; 250 km em percurso combinado; e 209 km em extra-urbano. Na altura de carregar a bateria, é bom saber que o processo é semelhante ao que encontramos num automóvel elétrico atual, ou seja: não há surpresas com fichas ou tomadas de carregamento proprietárias. Está equipada com uma tomada de carregamento CSS Tipo 2, adotadas globalmente pela rede de carregamento. Assim, é possível tirar partido de uma wallbox em casa e carregar em nível 2 até ao máximo de 3 kW demorando cerca de sete horas do zero até cem porcento, ou num carregador público até ao máximo de 25 kW em apenas 20 minutos dos 20% aos 80%. A Energica dá uma garantia na bateria de três anos ou 50 mil quilómetros. O que acontecer primeiro.

Durante o primeiro dia do nosso teste não nos preocupámos com consumos e, com uma condução entusiasmada, obtivemos 15,4 kWh de média com a Experia. Tendo em conta o tamanho da bateria carregada a 100%, daria para cerca de 127 quilómetros. É um valor abaixo do indicado pela marca para qualquer uma das estimativas, mas nos dias seguintes, já com o entusiasmo moderado no punho direito, foi possível baixar o consumo para 9,9 kWh e cerca de 198 quilómetros de autonomia. Mais perto dos 200 km indicados pelo fabricante em percurso extra-urbano.

A ergonomia está bem conseguida, apesar de o assento estar a 846 mm de altura. A Energica equipou a Experia com um sistema que permite realizar as manobras para a frente e para trás a uma velocidade muito reduzida, útil quando se está a parquear ou a sair do lugar. Em andamento, a Experia é uma moto extremamente confortável e até custa acreditar que pesa 260 quilos, pois não se fazem notar. Mesmo em andamentos a ritmos mais elevados, demonstrou uma grande agilidade a curvar.

A suspensão totalmente ajustável e o amortecedor com regulação da extensão e pré-carga, ambos ZF Sachs vinham com uma afinação firme, mas lidaram com todo o tipo de pisos em que rodamos sem prejudicar o conforto. As especificações, que podem parecer algo modestas no papel - apenas 80 cv, atingindo os 100 cv em picos de potência; e a velocidade máxima limitada aos 180 km/h - contrastam com o seu desempenho.

O motor da Experia produz 115 Nm de torque instantâneo, catapultando-a dos 0 aos 100 km/h em 3,5 segundos. Por comparação, a Suzuki Hayabusa tem um binário máximo de 150 Nm com um motor com 1300 cc. Qualquer ultrapassagem é feita rapidamente e em segurança, mesmo viajando com um passageiro atrás.

> A bateria tem uma capacidade aproximada às que equipavam os Renault Zoe da primeira geração

Dominar a potência desta moto não seria tarefa fácil sem a preciosa ajuda da eletrónica e neste aspeto vem com um pacote muito completo. Apesar da boa visibilidade, gostaríamos que o painel de instrumentos com 5 polegadas TFT fosse um pouco maior. Nele é possível escolher quatro modos de condução (Eco, Urban, Rain, Sport), mais três modos personalizados. Existem também 4 níveis de travagem regenerativa, 6 níveis de controlo de tração e ainda o cruise control. Rodámos maioritariamente nos modos Urban e Sport, experimentando os níveis de controlo de tração, que tivemos oportunidade de ver em ação ao passar nas listas de uma passadeira para peões. Mas também a travagem regenerativa, para concluir que, no máximo, tem quase o mesmo efeito do travão do motor de uma bicilindrica com 800 cc.

Ainda no capítulo da travagem, a tarefa de parar este míssil com 260 kg está a cargo do sistema Brembo de duplo disco flutuante, com 330 mm de diâmetro e por pinças de 4 pistões de montagem radial na frente. E um disco de 240 mm e pinça de dois pistões na traseira. Realçamos que está ainda equipada com o sistema de travagem em curva ABS Cornering da Bosch. Com a Experia, a Energica prova que tal como nos automóveis, é também um fabricante de fora do meio que toma a liderança ao apresentar uma moto com a qual se pode viajar.

Preço: 29 213 euros

A Experia é uma mota extremamente confortável e até custa a acreditar que pesa 260 quilos.

Diario de Noticias

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

O DIA DE GOYA

A SITUAÇÃO financeira

UMA CAMPANHA PATRIOTICA

A obra das Misericordias

CAMÕES

A VIAGEM LISBOA-MACAU

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 17 DE JUNHO DE 1924 PARA LER HOJE

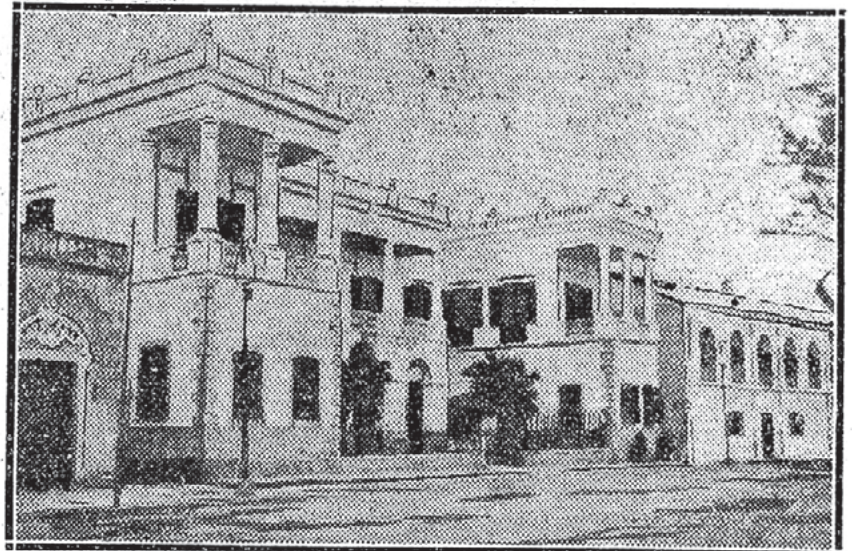
ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

NA HORA DO TRIUNFO

A VIAGEM LISBOA-MACAU

deve já ter alcançado o seu epilogo glorioso

OS AVIADORES TENTARÃO A VOLTA AO MUNDO?

Uma grande manifestação de regosijo na tourada nocturna de ontem

MACAU—Palacio do governo

Com uma ansiedade cada vez mais acentuada, a afluencia durante o dia de ontem ao Aero Clube foi enorme, no intuito de saber noticias do «Portugal».

Durante a noite de ante-ontem para ontem dormiram no Aero Clube não só os membros da comissão, srs. José Julio Brito Pais Falcão, comandante Afonso Cerqueira e tenente Paixão, como ainda alguns oficiais do exercito e muitos civis.

Esperava-se que durante a noite fôsse recebida qualquer confirmação do «sem fios» de Madrid, que notificára a largada do «Portugal» de Hanoi para Macau. Nem de noite nem de dia tal confirmação foi recebida, o que levou a crêr que, ou o avião, saindo de Hanoi, tivesse regressado á procedencia devido ás circunstancias atmosfericas, ou então tivesse havido confusão com qualquer outro aeroplano.

No Aero Clube, onde a afluencia de curiosos foi mais crescente durante a tarde, encontram-se já preparadas varias iluminações, assim como um grande e artistico «placard» que só será afixado quando seja conhecida a chegada dos aviadores a Macau, no qual se fará um apêlo a todos os bons portugueses e patriotas para que concorram para as despesas a fazer com o «raid», porque, como ainda ontem dissemos, muito dinheiro ainda é preciso angariar.

Compreendendo estas circunstancias, muitas pessoas e agremiações continuam enviando os seus donativos para o Aero Clube, tendo sido recebidos ontem, entre outros, os seguintes: Companhia Sul de Angola, 200$00; junta de freguesia de Varziela (Felgueiras), 290$; Mario Costa Santos, 2$50; Casa Portuguesa, 238$00; Deposito Central de Fardamentos, 78$50; Antonio Pedro Mendes, 10$00; Associação Comercial de Lojistas de Lisboa, 500$00; alunos do Instituto Nun'Alvares, de Coimbra, 247$50; Colegio Militar, 43$70 dos oficiais e 658$85 dos alunos. Os mesmos oficiais daquele colegio, já por intermedio das senhoras alentejanas haviam entregue a quantia de 200$00.

Não é de estranhar a demora das comunicações telegraficas

Uma interessante conversa com o pai do major Brito Pais

Ao Aero-Clube continuaram a afluir, durante a noite, muitas centenas de pessoas movidas pelo interesse de saber noticias da conclusão da viagem. O pai do major Brito Pais recebia os visitantes e esclarecia-os com a sua habitual solicitude.

Conversámos com o venerando ancião, que nos disse:—«Não é de estranhar a demora das comunicações telegraficas. Vim, ha pouco, da estação do Cabo Submarino, onde o pessoal tem estado a postos para se apressar a transmitir a boa nova. Disseram-me que essa comunicação pode demorar 24 horas, razão que nos leva a supôr que não houve qualquer contratempo.

No decorrer da conversa o sr. José Julio Brito Pais afirmou mais:

—Prevejo que a viagem foi levada a bom termo. Tudo me faz supôr isso. Meu filho e os seus valorosos companheiros devem estar a estas horas triunfantes.

Os aviadores darão a volta ao mundo?

Interrompêmo-lo naquela exclamação de legitimo orgulho e fé:

—Julga que os aviadores se limitem ao percurso até Macau?

—Não sei. Talvez eles o não saibam tambem. O futuro pertence a Deus. Todavia não me espanta a hipotese contrária. Quem nos diz que eles não irão além de Macau?

—Dando a volta ao mundo, como já tem constado?

—Mas se é possivel. O futuro a Deus

UMA CAMPANHA PATRIOTICA

A obra das Misericordias

QUE O "DIARIO DE NOTICIAS" SECUNDA E PROPAGA

EVITEMOS UM PERIGO SÉRIO PARA A ECONOMIA DO PAIZ!

Uma cruzada para gigantes do sentimento

SALVEMOS AS MISERICORDIAS QUE SÃO UM BRASÃO DE PORTUGAL

Outra obra de misericordia é preciso recordar, e esta resume o essencial á vida. Consiste em «dar de comer a quem tem fome»!... Fome! Faz horror, só estas quatro letras, que apavoram, que atribulam os mais filosoficos espiritos e que para vencer, para afastar da nossa porta, se trabalha e se moureja, sacrificando tudo para nos vermos bem longe dos seus tentaculos de angustia.

Estamos certos que a grande maioria dos leitores não sabe o que seja fome. Pode calcular um tal horror, quando o apetite, impertinente e guloso, lhe avisa o estomago que são horas de jantar...

A's vezes, por acaso, o jantar demora e o apetite vai minando, minando, de tal maneira que indispõe, nos aborrece e o encaramos não como um perigo—pois a demora vence-se—mas como um importuno que é preciso despedir para nossa comodidade! Isto está tão longe da fome, dos seus efeitos materiais e morais, como um polo de outro polo! Para um faminto, o apetite existe, mas acompanhado de horrenda realidade de que vai apertando a gargalheira, sem a dôce miragem da certeza duma mesa bem servida ou pelo menos com o essencial para satisfazer as exigencias da vida e ainda as do paladar!

O faminto ambiciona um bocadinho de pão e não o tem nem sabe onde buscá-lo. Vê, em redor de si, criancinhas enfezadas suplicando que lhe dêem de comer!

Recorre a todos os expedientes para alcançá-lo e nem sempre vence as dificuldades que se lhe antolham!

Ha o tormento fisico e a dôr moral. A fome lavra e despedaça o corpo; o desespero, a angustia, a dôr da alma dilaceram o espirito—que talvez seja o que mais sofre! E' provavel que o leitor, que, por felicidade, com que nos congratulamos, só conhece os beliscões do apetite, nunca tivesse pensado na existencia da fome!...

Pois ha muita fome por esse mundo fóra; havendo, mercê de Deus, tambem muita caridade que a neutraliza.

A iniciativa particular é optima e digna de todos os elogios. Fazemos-lhe justiça de envolta com um apêlo. Alarguem a sua esfera de acção! Lembrem-se das misericordias! Foram criadas para matar à fome, essa fome de infortunio e de suplicio, longinqua miragem até para a maior parte daqueles que são pobres!

Lembrem-se das misericordias, inscrevam no seu programa caritativo um obulo em relação ás suas posses; que no proximo 15 de agosto—o «Dia das Misericordias»—virá contribuir para a ventura dos pobrezinhos!

Esta «obra das misericordias», que o «Diario de Noticias» secunda e propaga, é muito mais importante e necessaria do que muita gente supõe! A falencia total do benemerito instituto duma princesa portuguesa pelo sangue e pelo berço, que foi rainha de Portugal, seria um perigo sério para a economia do país!

Não é dificil compreender-se este asserto, que deve merecer a atenção não só dos que se deliciam na pratica do Bem, mas daqueles que alongam as suas vistas para assunto da competencia dos homens de Estado.

Atentemos na importancia do caso, que o merece a valer. E prossiga-se nesta campanha patriotica, sem um desfalecimento, sem uma trégua, sem um desanimo, confiando no espirito caritativo dste povo, que foi sempre bom, hospitaleiro e esmoler.

As misericordias—a «Santa Casa»—como é de uso dizer-se no trato provinciano, atravessam uma crise angustiosa. E' necessario socorrê-las! Tenhamos bem presente esta necessidade inadiavel. Mãos á obra, senhores!

Assim no-lo reclama o coração, que sangra pela desgraça alheia; assim o exige a nação, que tem nas misericordias uma das suas mais importantes forças tradicionais.

Assim no-lo aconselha a virtude inata ás benemerencias da raça, que é a mesma de sempre e põe os olhos carinhosos no infortunio alheio!

Assim no-lo exige a memoria honrada dos nossos antepassados, que veneravam e auxiliavam as misericordias, na compreensão nitida do seu altissimo valor social e moral!

Assim nos impulsiona os ditames da propria consciencia que, espontaneamente, sem dar por isso, «dá uma esmola pelo amor de Deus», auxiliando um pobre que se encontra ao acaso. Pois o auxilio que se pede a favor das misericordias é isto mesmo em ponto grande. Toma proporções gigantescas esta cruzada, que é feita para gigantes de sentimentos!

E isso somo-lo nós, os portugueses, não haja duvida alguma. Temos defeitos, que não negamos, mas temos qualidades que os compensam.

Invoquem-se essas qualidades nativas da raça, para, dando todos as mãos numa fraternidade bem simpatica e bem cristã, salvarmos as misericordias, que são um brasão de Portugal. Já o dissemos: neste caso anda empenhada a honra do país. Ha-de vencer-se. O «Dia das Misericordias» ha-de ser um dia memoravel. Nele se agruparão todos os patriotas e todos os bons, todos os que sofrem pela desgraça alheia. A iniciativa do «Diario de Noticias» ha-de triunfar, sem que o triunfo se reflita no nosso egoismo.

Esta iniciativa não é dum individuo ou duma empresa: é de toda a gente. Todos aqui trabalham connosco. E mal dela se assim não fôsse.

Em nome dos interesses de todos, pois, trabalhemos em prol das misericordias. Não esqueçamos a pobreza dos seus recursos, e com a esmola dos ricos, dos remedeados e dos pobres, salvemos uma instituição das mais belas de todo o mundo culto.

O DIA DAS MISERICORDIAS

O apelo do "Diario de Noticias"
começa a ser ouvido no país

O nosso solicito correspondente em Alijó, depois de nos manifestar a sua grande simpatia pela iniciativa do «Diario de Noticias» e de nos prometer a sua cooperação para que o «Dia das Misericordias» seja coroado de completo exito, acrescenta num postal que nos enviou: «O desvelado provedor da Misericordia desta vila, a quem dei conhecimento dos propositos do «Diario de Noticias», dar-lhes-á, com todo o entusiasmo, o seu valioso concurso.»

Conclui dizendo que em breve se constituirá a comissão que dará seguimento aos trabalhos prepatorios desta «Festa Nacional de Caridade».

Em Elvas

ELVAS, 14.—Chegaram ontem de manhã vindos de Estremoz em automovel, o director-delegado da Empresa do «Diario de Noticias», acompanhado do chefe da secção regionalista e secretario da mesma empresa, que percorrem o país na organização da festa «O dia das Misericordias», que a Empresa do «Diario de Noticias» se propõe levar a efeito em todo o país no proximo dia 15 de Agosto, aniversario da fundação da primeira destas prestantes casas de caridade. Depois duma demorada conferencia com o provedor da Santa Casa desta cidade, sr. Estevão Palhinha de Brito Fale, organizador do recente Congresso das Misericordias, e com o delegado do governo neste concelho, sr. Euzebio Tierno Nunes da Silva, Suas Ex.as visitaram, acompanhados por estes senhores e pelo sr. Antonio José Torres de Carvalho, alguns dos monumentos da cidade, sendo-lhe oferecida uma taça de champanhe numa das salas do clube. Trocaram-se afectuosos brindes pelo feliz exito de tão simpatica empresa. A' tarde seguiram de automovel para Campo Maior. Feliz viagem e que vejam coroados do mais retumbante exito os seus nobres intuitos.

Em Arronches

ARRONCHES, 14.—Estiveram hoje nesta vila os srs. director-delegado, chefe da secção regionalista e o secretario da Empresa «Diario de Noticias», a fim de tratarem com o sr. presidente da Camara e provedor da Misericordia, das festas de «O Dia das Misericordias».

Mestrados em Finanças da Nova SBE, Católica-Lisbon, ISEG e FEP integram lista do *Financial Times*.

PAULO SPRANGER /GLOBAL IMAGENS

Há quatro mestrados nacionais entre os melhores do mundo

RANKING País voltou a garantir um lugar de destaque na formação superior em Finanças, com três escolas entre as 30 melhores. A Nova SBE sobe para o *top* 10.

TEXTO **SÓNIA SANTOS PEREIRA**

Portugal tem quatro dos melhores mestrados em Finanças do mundo. O *ranking* "Masters in Finance 2024", do *Financial Times (FT)*, que avalia a qualidade destes programas nas universidades e escolas de negócios internacionais, distinguiu as formações das portuguesas Nova SBE, Católica-Lisbon, ISEG e Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP). O país voltou a assegurar três escolas no *top* 30 mundial.

Nesta edição do *ranking* do *FT*, o mestrado internacional em Finanças da Nova SBE subiu à 7.ª posição, escalando quatro lugares face à avaliação de 2023. O programa foi avaliado em quase duas dezenas de indicadores, agregados às dimensões de progresso de carreira dos graduados, diversidade da escola, experiência internacional, investigação e pegada de carbono. As classificações obtidas reforçaram a sua liderança em Portugal, onde ocupa mais uma vez o primeiro lugar a nível nacional. A formação da Nova SBE registou especial destaque nos indicadores de mobilidade internacional dos graduados e experiência de curso internacional.

A Católica-Lisbon obteve a 16.ª posição numa lista que classifica os 65 melhores mestrados de Finanças de todo o mundo de entre centenas de programas nos cinco continentes. O resultado evidencia uma subida de cinco posições face ao *ranking* de 2023. Os graduados da Católica-Lisbon aumentaram o seu salário inicial 98% nos primeiros três anos de trabalho após a formação, o que coloca esta instituição de ensino na quarta posição mundial no critério de progressão salarial.

O ISEG assegurou a 30.ª posição mas viu a sua avaliação cair sete lugares. O programa desta faculdade foi reconhecido como tendo uma empregabilidade de 100% no espaço de três meses. Entre as portuguesas, foi destacada no indicador de rede de contactos profissionais.

A FEP ficou no 55.º lugar, destacando-se no retorno do investimento académico. Ou seja, os diplomados desta faculdade recuperam o esforço financeiro do curso num curto espaço de tempo, de acordo com os salários atuais, a duração do curso e as propinas.

O *top* 3 do *ranking* do *FT* é ocupado por escolas francesas. A ESCP Business School lidera a lista, seguida da HEC Paris e, a fechar, encontra-se a Skema Business School.

Nesta edição do "Masters in Finance 2024" foram avaliados 18 indicadores das formações e escolas, agrupados em cinco categorias principais, como já referido. A análise baseia-se em informações recolhidas através de dois inquéritos distintos, sendo um destinado às escolas de Economia e Gestão e o outro aos antigos alunos. As instituições de ensino têm de cumprir critérios rigorosos, incluindo possuir acreditações internacionais, para serem elegíveis à avaliação do *FT*.

sonia.s.pereira@dinheirovivo.pt

BREVES

Macron vai a eleições com 24 membros do governo

O governo do presidente francês, Emmanuel Macron, ameaçado pela perspetiva de uma derrota histórica nas legislativas antecipadas por ele convocadas, avançou em grande para a batalha da campanha, com a candidatura de 24 dos seus membros. Terminado o prazo para apresentação de candidaturas, ontem, às 18h00 locais (17h00 em Lisboa), uma boa parte dos "pesos pesados" do Executivo quer um lugar na próxima Assembleia Nacional, a começar pelo primeiro-ministro cessante, Gabriel Attal. Entre os candidatos estão também o ministro do Interior, Gérald Darmanin, o dos Negócios Estrangeiros, Stéphane Séjourné, o da Agricultura, Marc Fesneau, o da Saúde, Frédéric Valletoux, a do Turismo e Consumo, Olivia Grégoire, e o do Interior, Gérald Darmanin. Esta grande presença de membros do governo nas listas eleitorais ilustra a vontade de usar a notoriedade pública para dar a volta às sondagens das eleições de 30 de junho e 7 de julho, que apresentam um cenário bastante adverso para o bloco centrista presidencial.

Morreu a poetisa e dramaturga Maria Quintans

A poetisa e dramaturga Maria Quintans morreu no sábado à noite no Hospital de São José, em Lisboa, onde estava internada há uma semana, divulgou ontem fonte próxima da família. Maria Quintans estava internada desde dia 8 na sequência de um aneurisma cerebral, disse a mesma fonte à agência Lusa.

Poeta e dramaturga, Maria Quintans nasceu em Lisboa, em 1955. Fez parte da criação da revista Inútil, onde foi diretora editorial, e criou as editoras Hariemuj Editora, Cama de Gato Editora e Edições Guilhotina.

Apoplexia da Ideia, *Chama-me Constança*, *O Silêncio*, *Febre* e *A pata de cabra* contam-se entre os títulos que publicou.

Maria Quintans iniciou-se na escrita de dramaturgia em 2015, com o monólogo *Décimo Terceiro Andamento*. No ano seguinte, escreveu a peça infantojuvenil *Este Não Sou Eu* e, em 2019, uma nova dramaturgia, *A Síndrome da Culpa*. Tem poemas incluídos em várias antologias e revistas portuguesas e brasileiras e, em 2019, editou pela Assírio & Alvim o livro de poemas *Se Me Empurrares Eu Vou*.

Os demónios não gostam de ar fresco editado pela Húmus, esteve em cena no Teatro S. Luiz, em abril, num espetáculo dirigido por Albano Jerónimo e Cláudia Lucas Chéu.

Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023002 56669